



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MUSICAL

MORGANA GABRIELLY MORAIS DA SILVA

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DAS OFICINEIRAS
DO PROJETO “AS CALUNGAS”**

João Pessoa-PB

Abril, 2024

MORGANA GABRIELLY MORAIS DA SILVA

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DAS OFICINEIRAS
DO PROJETO “AS CALUNGAS”**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Música, da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa-PB.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Santana Mestrinel

João Pessoa-PB

Abril, 2024

Catálogo na publicação Seção de

S586p Silva, Morgana Gabrielly Morais da.

Práticas pedagógicas das oficinas do Projeto "AsCalungas" / Morgana Gabrielly Morais da Silva. - João Pessoa, 2024.

61 f. : il.

Orientação: Francisco de Assis Santana Mestrinel. TCC (Graduação)
- UFPB/CCTA.

1. Música (Licenciatura) - TCC. 2. As Calungas - Oficina musical. 3. Percussão. 4. Educação musical. 5. Música 0 Cultura popular. I. MESTRINEL, Francisco de Assis Santana. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 78:37(043.2)

Catálogo e Classificação

MORGANA GABRIELLY MORAIS DA SILVA

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DAS OFICINEIRAS
DO PROJETO “AS CALUNGAS”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado/a em Música.

Aprovado/a em 08/05/2024.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Francisco de Assis Santana Mestrinel (Orientador)
Departamento de Educação Musical - UFPB



Prof. Dr Fábio Henrique Gomes Ribeiro
Departamento de Educação Musical - UFPB



Prof. Dr Vanildo Mousinho Marinho
Departamento de Educação Musical - UFPB

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho à minha família, em especial à minha avó Carmosina e à minha prima Sharlys, que hoje não estão mais entre nós, pois elas me ensinaram a ser uma pessoa melhor em todos os âmbitos da minha vida.

Agradeço a minha mãe, Edna Morais, por ter me dado todo o suporte no início dos meus estudos.

A Carol Aragão, que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis e importantes da minha vida.

Aos grupos musicais que percorri durante toda a minha trajetória como musicista, também durante o curso, e aos que continuo tocando e aprendendo junto a eles.

Ao meu orientador, Chico Santana, que me deu todo auxílio e as ferramentas necessárias para a realização deste trabalho.

Ao grupo As Calungas, pela clareza e disponibilidade durante toda realização do trabalho.

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender como se dão os percursos pedagógicos das oficinas ministradas pelo grupo percussivo “As Calungas”, partindo de uma investigação a respeito do fazer musical dasicineiras, que atuam na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba. Para o desenvolvimento do trabalho, foram feitas análises de entrevistas narrativas, realizadas com as integrantes do grupo, utilizando plataformas de áudio e transcrição de toda a entrevista. A partir de conceitos feministas e da cultura tradicional popular, refletimos sobre o material colhido das entrevistas cedidas pelasicineiras. Percebemos que o grupo utiliza em seu fazer pedagógico aspectos da cultura tradicional popular, no qual o principal instrumento das oficinas é a oralidade e, por conseguinte, a imitação e a reprodução dos ensinamentos pelasicineiras.

Palavras-chave: As Calungas; oficina musical; percussão; cultura tradicional popular; educação.

ABSTRACT

The current work searches to understand the pedagogic pathways of the workshops ministred by the percussion group As Calungas beginnig a investigation about the music production from the members, who act in the city of João Pessoa, in the state of Paraíba, Brazil. To develop the work, analysis of interviews with the group members was made, using audio resources and interview transcriptions. Starting from feminist concepts and traditional folklore we look about the collected material of the interviews handed by the members. We realize that the group uses in their pedagogy about aspects of the traditional folklore, and the cornerstone of the workshops is the orality and, by consequence, the mimicry and reproductions of the teachings by the members.

Keywords: As Calungas; musical workshop; percussion; traditional folklore; education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Alfaia.....	21
Figura 2 - Caixa.....	21
Figura 3 - Agogô.....	22
Figura 4 - Agbê.....	22
Figura 5 - Ganzá.....	22
Figura 6 - Bloco das Calungas.....	24
Figura 7 - Oficina das Calungas.....	27

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação das mulheres entrevistadas do grupo As Calungas	14
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	METODOLOGIA	12
3	CULTURA POPULAR NA ÓTICA DO GRUPO AS CALUNGAS	14
3.1	O PROCESSO DO FEMINISMO DENTRO DO GRUPO AS CALUNGAS	16
4	AS CALUNGAS	18
4.1	CARACTERIZAÇÃO COMO GRUPO DE PERCUSSÃO	20
4.2	QUINTA DAS FLORES	23
4.3	OFICINAS DO BLOCO	25
5	PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO BLOCO AS CALUNGAS	28
5.1	FORMAÇÃO DAS OFICINEIRAS	28
5.2	MOVIMENTO DO CORPO/DANÇA	30
5.3	UTILIZAÇÃO DA ONOMATOPEIA E SÍLABAS DENTRO DO GRUPO	31
5.4	DISPONIBILIZAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO DO GRUPO	32
5.5	ORALIDADE, REPETIÇÃO E IMITAÇÃO DENTRO DO GRUPO	33
5.6	REDE DE APOIO DENTRO DO PROJETO AS CALUNGAS	35
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38
	APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	40

1 INTRODUÇÃO

É notável o crescente número de mulheres que vem se destacando no campo da música paraibana nos últimos anos. Iniciativas como o Festival de Música da Paraíba, promovido pelo Governo do Estado, e outros eventos organizados por projetos feministas são vitrines de como as mulheres têm assumido o protagonismo criativo em diversas esferas, como cantoras, compositoras, instrumentistas, produtoras, dentre outras funções.

Quando se pergunta sobre grupos musicais formados exclusivamente por mulheres em João Pessoa, o grupo As Calungas é um dos nomes que possui um espaço já consolidado no imaginário popular. Isto se dá, principalmente, pelo fato dessas mulheres realizarem oficinas musicais de percussão gratuitas, cujo resultado consiste num bloco de rua formado por centenas de mulheres, que se apresenta no período carnavalesco, em João Pessoa, o que atrai a atenção para o grupo e suas ministrantes, que coordenam as oficinas.

A formação instrumental do grupo é dividida em quatro naipes: alfaia, caixa, agogô/ganzá e agbê. As oficinas são ministradas tanto por mulheres com formação em música, como também por mulheres que não possuem formação musical formal. Assim como asicineiras, os perfis das alunas também são plurais, pois há alunas que são profissionais da música, bem como alunas que têm suas primeiras aulas de música através dessas oficinas. Dessa forma, levando em consideração a diversidade de perfis dentro do grupo, surge o nosso problema de pesquisa: Compreender como as icineiras do projeto As Calungas elaboram e desenvolvem suas práticas pedagógicas?

Onde os objetivos específicos para a realização do trabalho são: como as icineiras do projeto As Calungas desenvolvem suas práticas educativas, caracterização do grupo As Calungas, descrever as metodologias utilizadas nas oficinas, como estas estão relacionadas às experiências de cada icineira, como isso ocorre no contexto da heterogeneidade das alunas?

A escolha em desenvolver um trabalho sobre As Calungas surge como uma forma de fortalecer esse projeto de protagonismo feminino, que atua na cena musical paraibana desde 2012, e vem se destacando e se consolidando ao longo desses anos. Outro fator relevante é que além de conseguirem manter mulheres que participaram do grupo em anos anteriores, o grupo abre novas inscrições anualmente, alcançando constantemente novos públicos e perfis diversos, empenhados na rotina de aprendizado musical conjunto para o momento do desfile do bloco carnavalesco, que acontece desde 2015.

O primeiro contato que tive com o grupo As Calungas ocorreu no desfile do bloco de carnaval em 2019, e o que chamou minha atenção, além da quantidade de mulheres envolvidas, foi como as oficinas conseguiram estabelecer uma uniformidade num grupo de mulheres tão diverso, em termos de faixa etária, raça, corpos etc.

Posteriormente, ao pesquisar sobre como acontecia a formação desse bloco, descobri através de redes sociais que existiam as oficinas, ministradas todos os anos, com início meses antes do momento da apresentação do bloco de rua. A partir daí, fiquei curiosa para saber como é que funcionam as oficinas e qual é o intuito de serem feitas exclusivamente para mulheres. Assim, observei a possibilidade de uma contribuição de pesquisa científica sobre o grupo, em diálogo com trabalhos já existentes.

O fato de o grupo ser direcionado para a prática instrumental de percussão tenciona paradigmas sociais e contribui para que mais mulheres acreditem na possibilidade de exercerem funções não convencionais, até então, reafirmando que o lugar da mulher é onde ela quiser. Portanto, é uma ação feita para mulheres, com mulheres, que têm o intuito de ensinar outras mulheres a tocar, e, desse modo, empoderá-las do conhecimento que as capacita a tocar instrumentos de percussão.

2 METODOLOGIA

O método utilizado para a coleta de dados para desenvolver as análises empreendidas neste trabalho foi através da base qualitativa pautada em entrevistas narrativas para compreender como as mulheres, que hoje ensinam no grupo geral. Investigamos os tipos de formação musical delas – se elas fizeram algum curso (superior ou técnico), ou se são autodidatas – e a trajetória de cada mulher oficinaira, que contribuiu para que, atualmente, cada uma se tornasse referência no instrumento que leciona, a entrevista foi feita com quatro oficinas do grupo As Calungas.

Para tanto, contatamos cada uma delas por telefone, a fim de acertar um horário no local que todas ensaiam semanalmente, conhecido como capelinha da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), no Campus I, em João Pessoa.

Realizamos as entrevistas com as oficinas nas segundas-feiras, antes do ensaio semanal. As entrevistas foram feitas de forma individual, onde todas as entrevistas foram feitas no mesmo dia, chamamos cada oficinaira de uma por uma para a entrevista em um

lugar mais afastado, deixando cada uma à vontade para falar um pouco de suas vivências e práticas pedagógicas.

Utilizamos perguntas norteadoras para guiar a conversa, as perguntas foram realizadas durante a entrevista com algumas temáticas sugeridas, de acordo com os objetivos deste trabalho. As perguntas norteadoras foram:

- Como foi sua aprendizagem musical?
- Como você e As Calungas se encontraram?
- Como você mostra seu instrumento: isoladamente ou dentro do arranjo dos naipes?
- Como você lida no seu naipe com os diferentes níveis de aprendizado?
- Quais são os repertórios trabalhados?
- Como vocês lidam com as alunas que demoram a aprender?

Durante as entrevistas, em nenhum momento, fizemos interrupções em suas respostas, deixando as entrevistadas livres para falar sobre suas práticas pedagógicas e vivências no grupo. Sobre essa abordagem, Ravagnoli afirma que:

A característica principal da entrevista narrativa é a não interferência do pesquisador durante o relato do entrevistado. O papel do pesquisador é apresentar ao entrevistado uma questão gerativa não direcionada a respostas pontuais e que encoraje uma narração extemporânea, ou seja, improvisada, não previamente elaborada (Ravagnoli, 2018, p.2).

Assim, asicineiras se sentiram à vontade para expor todo o conhecimento que tinham junto ao grupo. Ao final das entrevistas, fizemos a transcrição do que foi falado (Apêndice A) com a ajuda do aplicativo Google Meet.

Em seguida, observamos de maneira comparativa as respostas, analisando pontos em comum, de maneira que pudéssemos explorar todas as entrevistas para dar vida a este trabalho sobre as práticas pedagógicas do grupo.

Das oito mulheres do grupo As Calungas, realizamos as entrevistas com cinco delas. A seguir, demonstramos no quadro quais instrumentos ensinam durante as oficinas e suas respectivas formações musicais:

Tabela 1 - Relação das mulheres entrevistadas do grupo As Calungas

Nome	Instrumento	Formação
Deilde Santos (Del Santos)	Caixa	UFPB - Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Música - Nível Superior
Juliana Ribeiro Barros	Alfaia	EEMAN Percussão Sinfônica - Nível Técnico
Karla Maria da Silva (Karla Maria)	Agogô e Ganzá	Vivências com grupos de percussão
Rita de Cássia de Brito Guimarães (Cássia Guimarães)	Agogô e Ganzá	UFPB - Licenciatura em Canto Popular - Nível Superior
Rosicleide Carlos Lira (Monalisa Lira)	Agbê	UFPB - Percussão - Nível Superior

Fonte: Entrevista concedida à autora em 11 de setembro de 2023. João Pessoa - PB

3 CULTURA POPULAR NA ÓTICA DO GRUPO AS CALUNGAS

O processo de ensino-aprendizagem do grupo As Calungas ocorre de forma coletiva e colaborativa, uma prática de conjunto, onde todas aprendem com seus erros e acertos, apoiando umas às outras: a troca é mútua entreicineiras e icinandas. Sobre a prática coletiva de percussão no contexto de batucada:

Essa dinâmica [coletiva] colabora para o desenvolvimento de uma capacidade de interagir que torna-se primordial à capacidade técnica, isto é, ao estabelecimento de parâmetros rígidos do que seria "certo" ou "errado" - tanto na execução musical, quanto nos próprios processos de aprendizagem. Na batucada, a interação entre os participantes flexibiliza os conceitos de "certo" e "errado". (Santana, 2019, p.4).

O fazer coletivo vem da interação das alunas e professoras, criando uma prática conjunta, onde ao mesmo tempo em que ensinam, as professoras também aprendem, ou seja, aprendem interagindo umas com as outras, acertando e errando, crescendo juntas. Dentro do projeto “As Calungas” torna-se evidente este tipo de aprendizado coletivo, no qual existe uma troca de experiência entre as participantes e icineiras.

Ainda segundo Santana, “os participantes deste tipo de grupo [coletivo de percussão] aprendem muito mais uns com os outros, durante a prática, do que em momentos pontuais e intencionais de ensino” (idem p.4). No projeto do bloco das Calungas, não existe sala de aula ou lugares fechados para o ensino, pois as aulas ocorrem sempre ao ar livre. Sobre isso, D’Avila afirma que “A escola é importante, mas não é o único ambiente que auxilia no processo de formação, e, portanto, não podemos desvincular o que ocorre fora da Escola, no ambiente familiar e cultural” (2016, p1).

Confirmando essa ideia no contexto da música, não podemos excluir outros espaços de aprendizagem, onde também podem ocorrer diversas outras formas de ensino e aprendizagem, lugares ao ar livre, projetos e ações sociais que também pode ser locais de ensino de educação não formal, a educação formal tende a ter sistematização, professores especializados, órgãos superiores por fim algo mais formal e regulamentado. Já o ensino do grupo as Calungas é um ensino voltado à cultura popular onde não é necessário toda essa regulamentação que o ensino formal exige, mas que esses espaços existem e que devem ser reconhecidos como ambiente de ensino de educação musical, como aponta Arroyo:

[...] a Educação musical vem ampliando seus objetos de investigação, não apenas abordando práticas de educação musical escolares sob um referencial sociocultural, mas debruçando-se sobre outros espaços não escolares de ensino e aprendizagem musical presentes em diferentes sociedades e culturas. (Arroyo, 2002, p. 103).

Dessa forma, faz-se necessário pensarmos em um ensino mais amplo, em suas diversidades e espaços. O ensino do grupo As Calungas vem da base da cultura popular, que é feita na rua, para o povo, dialogando com a diversidade semelhante do fazer musical das emboladas de rua que dialoga bastante com a forma de fazer musical das oficinas do bloco das Calungas onde possui a sua própria dinâmica, Queiroz e Mousinho afirmam sobre no contexto das Emboladas que:

A formação musical na embolada é construída a partir de um conjunto de crenças e valores que ganham forma em situações distintas e se materializam em processos sistematizados na dinâmica do dia a dia. Assim, é uma prática formativa em música que tem sua própria dinâmica, sem vínculos com a sistematização, os conteúdos e estratégias de ensino e aprendizagem consolidados em instituições formais, e mesmo não formais, de ensino de música. (Queiroz; Mousinho, 2017, p. 12)

Portanto, o ensino da música no dia a dia é tão importante e necessário quanto o ensino formal em sala de aula, pois na rua se aprende com o outro de forma empírica, com as experiências vividas diariamente, na observação, na imitação e na reprodução.

3.1 FEMINISMO DENTRO DO GRUPO AS CALUNGAS

Acerca do feminismo que permeia as práticas do grupo, nós não podemos nos prender a uma única forma ou visão. Existem diversas abordagens conceituais sobre o tema, inclusive o feminismo decolonial, que abrange raça, gêneros, sexualidade e etnias. Portanto, vai muito além do fato de serem mulheres, pois existem muitas lacunas dentro do feminismo que precisam ser faladas e discutidas. A classe social é também uma das lacunas que existem dentro do feminismo, ela varia de acordo com a realidade de cada mulher, seja por raça, classe, sexualidade, gênero e etnia. Garcia comenta que:

Seria excludente falar em feminismo no singular, como se todas as mulheres passassem pelas mesmas opressões, como se todas as suas vozes pudessem ser resumidas a uma fala, por isso é imprescindível ressaltar a existência de feminismos, os quais partem de diferentes lugares de fala e enfatizam diferentes pautas, afinal, ser mulher na sociedade que vivemos não diz respeito apenas a questões relacionadas ao gênero, mas também a raça, classe, sexualidade, geração (Garcia, 2019, p.27).

Portanto, falar sobre feminismo no singular seria excludente, uma vez que as mulheres negras, transexuais, lésbicas, ou pertencentes às chamadas minorias sociais vivenciam suas existências de maneiras distintas das mulheres brancas, cisgênero e heterossexuais, por exemplo. Nessas minorias encontramos um mundo vasto e plural, onde cada mulher tem sua representatividade.

Neste trabalho, buscamos abordar a diversidade de mulheres que lutam diariamente para permanecerem vivas e reconhecidas pelo que elas são. As palavras mulher e feminismo não são termos singulares nem padronizados, de modo que se nos limitássemos a eles, estaríamos oprimindo e excluindo aspectos de raça, gênero, classe, sexualidade, faixas etárias, entre outras peculiaridades que fazem de cada mulher uma pessoa distintamente única.

No contexto da música, precisamos inserir mais mulheres nas práticas musicais e divulgá-las para, assim, criarmos novos protagonismos, passar adiante o conhecimento e ensinar outras mulheres, independente do seu instrumento, seja ele percussivo ou não.

No universo da música, alguns instrumentos foram considerados mais masculinos, o que se faz necessário desconstruir e inserir mais mulheres, sobre o que Rosa e outras comentam:

A partir desta pluralidade epistemológica, tanto os estudos sobre gênero, mulheres e feminismos, quanto os estudos sobre mulheres e música têm a ganhar. Talvez no campo específico da música, da mesma forma que os estudos feministas buscaram novos caminhos analíticos para dar visibilidade às mulheres, nós (da música) tenhamos de buscar e aprofundar novos caminhos analíticos que dêem conta desta pluralidade, não legitimando um cânone feminista hegemônico, mas considerando o que já está consolidado e ampliando os horizontes epistemológicos para nossa realidade periférica do sul. Esta se configura numa das possíveis respostas para afirmar a relevância da construção de epistemologias feministas em música, que não se restringe ao recorte temático apenas, ou seja, falar sobre mulheres. Mas, sobretudo, se traduz na forma como produzimos conhecimentos sobre mulheres, sobre cultura, política e, finalmente, sobre música (Rosa et al. 2013, p. 113).

A música sempre seguiu os cânones masculinos, visto o destaque de figuras masculinas, de compositores até intérpretes. O protagonismo sempre foi masculino e patriarcal, e agora buscamos quebrar tais paradigmas. Temos a produção musical feminina, em muitos casos, apagadas dos grandes concertos, especialmente das minorias marginalizadas. Dessa forma, é urgente repensar sobre o fazer musical, reinventar maneiras para incluir mais mulheres no universo da música, com o devido protagonismo, corroborando com o que a autora diz: a música só tem a ganhar (idem). O que vemos é que o grupo As Calungas tem muito a mostrar e disseminar dentro desta ótica. Sobre as Calungas Martins comenta que:

Além de servirem de preparação para o desfile do bloco de carnaval, as oficinas também têm o objetivo de fazer com que um maior número de mulheres se interessem pela percussão, tendo em vista que segundo as oficineiras, a nossa cultura, ainda hoje em dia, entende a percussão como um espaço a ser ocupado prioritariamente por homens (Martins, 2019, p. 17).

As mulheres vêm sofrendo ataques e misoginia bem antes do feminismo existir. Há uma diferença enorme entre homens e mulheres, tanto no âmbito social como no âmbito musical, o que devemos olhar de maneira crítica e combativa. Hooks comenta que:

Os ataques abertos e misóginos sobre as mulheres ocorreram muito antes do movimento feminista e a maior parte das mulheres que suportaram o impacto da agressão masculina e brutalidade não são feministas atualmente. Nesta cultura muito da violência contra as mulheres é promovida pelo capitalismo patriarcal que encoraja os homens em verem-se a si mesmos como privilegiados, enquanto diariamente lhe despojam a sua humanidade no trabalho desumanizado e como

consequência os homens usam a violência contra as mulheres para reparar o perda do seu sentido de poder e de masculinidade (Hooks, 1981. p.77).

O feminismo tem uma função de empoderar as mulheres em diversos âmbitos, seja social, político, pessoal ou musical, ajudando a mostrar que lugar de mulher é onde ela quiser, seja na música ou na vida, não podendo ter discriminação entre homens e mulheres, nem muito menos entre raça, gênero e etnias. Seguimos na luta, arduamente conquistando nossos espaços dentro da sociedade. A ativista Bentes¹ (2019) fala que:

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (apud Monteiro, 2019, p. 5)

O trabalho das Calungas mostra, por si mesmo, todo o empoderamento feminino, e quebra paradigmas sociais ofertando oficinas de percussão para centenas de mulheres, de diferentes níveis sociais, gênero, raça e etnias, há mais de dez anos, formando em suas oficinas mulheres que, muitas vezes, já descreditaram do seu potencial como instrumentistas. Portanto, o grupo As Calungas não se trata apenas de um grupo percussivo, antes desempenham um papel relevante e necessário na sociedade, acolhendo, formando, empoderando e fortalecendo mulheres em suas oficinas.

4 AS CALUNGAS

Segundo relatos das entrevistas com as integrantes do grupo, a origem do termo "calunga" vem de bonecas de pano utilizadas nas nações de maracatu de baque virado.

Há uma diferença entre o grupo "As Calungas" e "Bloco das Calungas". No grupo, apenas oito mulheres participam, se apresentando em diversos lugares, a exemplo de espetáculos e festivais, participando assim da cena musical paraibana e levando ritmos populares para diversos espaços. Já o Bloco das Calungas reúne centenas de mulheres por meio das oficinas ofertadas pelo grupo, com a intenção de formar um bloco de carnaval para desfilar pelas ruas do centro da cidade de João Pessoa. Qualquer mulher, a partir dos dezesseis anos, e que leve seu próprio instrumento, pode participar das oficinas e integrar o bloco.

¹ Ajurimar Bentes - Integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010.

O grupo “das Calungas” surgiu em meados de 2012, participando de vários espetáculos dentro da cidade de João Pessoa, sempre dando enfoque para as festas carnavalescas, mas só conseguiram colocar o bloco na rua em 2015, quando conseguiram formar mulheres percussionistas para realizar o arrasto, formado apenas por mulheres, como maneira de fomentar o cenário feminino de grupo percussivo.

As fundadoras são Priscila Fernandes, Katiusca Lamara e Wênia Xavier elas fundaram As Calungas em 2012. E as Calungas já tinham vários modelos, eram palco, tinha sopro, instrumento de cordas. E depois a gente foi pegando um modelo e foram saindo pessoas e entrando. A gente foi moldando e chegou a um consenso que seria só um grupo de percussão e voz (Barros, 2023)

O grupo atualmente é formado por: Del Santos (tocadora de caixa, timbal e voz), formada em Educação artística com habilitação em música pela Universidade Federal da Paraíba; Cássia Guimarães (que toca zabumba, agogô, ganzá e voz), graduada em licenciatura em música pela Universidade Federal da Paraíba e com grau técnico em instrumento musical pelo Instituto Federal da Paraíba; Juliana Ribeiro (tocadora de alfaia e timbal), formada em Educação artística com habilitação em música pela Universidade Federal da Paraíba, sendo a primeira mulher formada em percussão pela Escola Estadual de música Antenor Navarro; Karla Maria (responsável pelo agogô e ganzá); Mel Vinagre (na alfaia e pandeiro); Monalisa Lira (agbê e triângulo) formada no bacharelado em percussão pela Universidade Federal da Paraíba; Lau Capym (agbê e voz), artista da cena pessoense.

O Bloco das Calungas vem se apresentando desde 2012 nos festejos carnavalescos da cidade de João Pessoa, mas em meados de 2015 o grupo conseguiu montar oficialmente seu bloco. Para isso, precisava de mais componentes, e foi daí que surgiu a ideia de criar oficinas de percussão voltadas para mulheres. Seus ensaios acontecem anualmente, de meados de setembro até o carnaval do ano seguinte, todos os domingos, ao ar livre, na capelinha da UFPB.

O grupo foi pioneiro nessa formação percussiva, devido à falta de mulheres e a falta de espaço para mulheres na percussão no cenário musical. Assim, As Calungas conceberam o seu próprio bloco de carnaval dando protagonismo à mulher na percussão e no carnaval da cidade.

O trabalho desenvolvido pelas Calungas atrai olhares e perspectivas de diversas áreas do saber e da produção audiovisual, e é possível verificar vários tipos de registros dos

trabalhos desenvolvidos². Garcia (2018) destaca a relevância do grupo no estímulo e incentivo a mulheres para uma experiência com o toque de percussão. A autora afirma que em João Pessoa existem alguns grupos que possuem esse ímpeto de reunir mulheres batuqueiras e articular o empoderamento feminino através das performances dessas mulheres³. A autora afirma que:

O projeto do Bloco “As Calungas” começou a ser materializado em 11 de janeiro de 2015, através de oficinas abertas para mulheres realizadas na Praça Anthenor Navarro, no Centro Histórico de João Pessoa, com o ensino de ritmos e técnicas básicas de percussão, visando o desfile em cortejo pelas ruas que são espaços conhecidos por receber brincantes e foliões durante o pré-carnaval pessoense. Muitas das participantes relatam que tiveram o primeiro contato com elementos de manifestações tradicionais da cultura popular através das oficinas, uma vez que o grupo trabalha com estruturas rítmicas presentes no repertório da cultura popular, encontradas no coco, ciranda, maracatu de baque virado, ijexá, entre outros (Garcia, 2018, p.5).

O bloco de arrasto das Calungas no ano de 2023 agregou cerca de 200 mulheres desfilando, dançando e tocando nas ruas do centro da cidade. Já em 2024, foram quase 400 mulheres participando. Todos os anos, o bloco homenageia mestras da cultura popular:

- Dona Lenita, da cidade de Conde-PB (2016)
- Vó Mera, da cidade de João Pessoa-PB (2017)
- Dona Teca cidade de Cabedelo-PB (2018)
- Zabé da Loca (2019)
- Mestre Tina do cavalo marinho, do Bairro dos Novais, na cidade de João Pessoa–PB (2020)
- Mestre Penha cirandeira (2021)
- Mestre Odete de Pilar (2022)
- Dona Geneide do grupo Aruenda da saudade da cidade de Pitimbu-PB (2023)
- Mestre Ana do Gurugi, de Conde-PB (2024).

4.1 CARACTERIZAÇÃO COMO GRUPO DE PERCUSSÃO

²Link das produções audiovisuais das Calungas:

<https://www.youtube.com/watch?v=mGsFaGi1dRc&list=PLaevNZBN8xv94hT9WeFucZoQMueO6yujq>

Acesso em abril, 2024.

³ Grupos de batuques femininos na Cidade de João Pessoa em sua vertente entre eles estão: Baque Mulher, Coco de Oxum e Coco das Manas.

Atualmente, As Calungas pode ser considerado o principal grupo de inserção de mulheres no contexto da percussão em João Pessoa. De acordo com Tanaka, Freitas e Rocha (2017), é um projeto que contribui para que sejam problematizadas questões sobre gênero e música, superando o preconceito em relação a instrumentos considerados como masculinos, principalmente em relação à alfaia, pelo tamanho do instrumento e também pelo som grave, que o faz ser considerado um instrumento “de homem”.

Tanaka, Barbosa e Oliveira (2017) atestaram, como pesquisadoras eicineiras do grupo de percussão feminino “As Batucas”, que várias mulheres que começam a tocar percussão têm o interesse em aprender alfaia (chamado por elas também como tambor de maracatu), mas que iniciam seus aprendizados com instrumentos mais leves (ganzá, agogô, chocalho), almejando “criar coragem” para “dominar” a alfaia (o que leva as autoras à ideia da alfaia representar o universo masculino). Entretanto, é visível como cada vez mais mulheres conseguem transpassar as barreiras do machismo estrutural e assumem novos papéis em novas performances.

Ao conversar informalmente com uma das icineiras das Calungas, ela conta que várias mulheres que começaram a tocar percussão despretensiosamente nas oficinas, e hoje já estão vinculadas a outros grupos musicais de percussão, como, por exemplo, o Coletivo Maracastelo e o grupo de Maracatu Pé de Elefante. Ela também chama a atenção para a descoberta e envolvimento de mulheres com artistas da cultura popular através da conexão com o batuque, a partir da vivência nas oficinas das Calungas. O grupo conta com diversos instrumentos: alfaia, zabumba, caixa, timbal, agogô, ganzá, pandeiro, agbê, triângulo e congas, além das vozes. Já nas oficinas para o bloco carnavalesco, os instrumentos utilizados são alfaia (figura 1), caixa (figura 2), agogô (figura 3), ganzá (figura 4) e agbê (figura 5), organizados em naipes, isto é, agrupamentos de cada instrumento.

Figura 1 - Alfaia



Fonte: Wikipédia

Figura 2 - Caixa



Fonte: Wikipédia

Figura 3 - Agogô



Fonte: Wikipédia

Figura 4 - Agbê



Fonte: Wikipédia

Figura 5 - Ganzá



Fonte: Instagram/As Calungas)

O grupo As Calungas é um grupo percussivo, não um grupo de maracatu, como muitos pensam. Apesar de ser inspirado pela cultura popular, os arranjos são próprios do grupo, e agregam vários ritmos como o caboclinho, maracatu, cacuriá, baque de aruenda, samba reggae, maculelê, funk, entre outros. A oficina da Deilde Santos relata que:

A gente trabalha sempre com ritmo da cultura popular os arranjos são nossos mesmos, a gente começa com o Caboclinho. Um caboclinho de uma forma que a gente adaptou né, não é da forma como é feito nas tribos indígenas nem o Toré nem o toque de guerra. O grupo As Calungas é um grupo de cultura popular, mas ele não é um grupo tradicional (Santos, 2023)

A chefe do naipe, Juliana Ribeiro, complementa que:

Todo mundo atribui as Calungas a um grupo de Maracatu e não, é um grupo de percussão, mas todo mundo apresenta a gente com um grupo de Maracatu, e não é. Nós ensinamos caboclinho que é um ritmo. O baque da aruenda que é um baque de Maracatu super antigo aqui de Pitimbu, tem mais de 200 anos, a gente tem um baque que é o deles, e botamos uma viradinha, inclusive pedir autorização ao Mestre que hoje a gente poder usar essa viradinha para não tirar do baque original. Ijexá, Ciranda, coco, cacuriá, Maracatu samba reggae samba duro... é funk, maculelê. (Barros, 2023)

Percebemos que apesar de trabalhar com diversos gêneros da cultura popular, As Calungas têm sua própria forma de fazer música, adaptando novos arranjos em cada ritmo, sempre respeitando as células musicais de cada um para, assim, desenvolver seu trabalho musical e pedagógico. Em suma, As Calungas é um grupo percussivo feito por mulheres e para mulheres, no qual as oficinas ensinam diversos ritmos derivados da cultura popular para centenas de oficinas.

4.2 QUINTA DAS FLORES

O termo Quinta das Flores foi escolhido pela ex-integrante do grupo Kátiusca Lamara (tocadora de caixa e uma das fundadoras das Calungas) desde o primeiro ano do bloco, em 2015. O nome remete à quinta-feira que antecede o carnaval na cidade de João Pessoa e às flores, devido a todas as participantes usarem flores na cabeça.

Outra informação importante é que na semana que antecede o carnaval tradicional, acontece a quarta-feira de fogo, que marca o início dos festejos carnavalesco na cidade de João Pessoa. Na sexta-feira, ocorre o bloco Cafuçu, tradicional na cidade. Desde então, se utilizou nome Quinta das Flores para designar o dia do desfile do bloco das Calungas pelas ruas do centro de João Pessoa.

Antes de o bloco sair em cortejo pelo centro histórico de João Pessoa, ocorre uma apresentação do grupo formado apenas pelas oitoicineiras do grupo na Praça Rio Branco e, logo em seguida, as oficinandas e oficineiras saem em cortejo em direção ao Largo de São Francisco, onde fazem as apresentações da ciranda e do coco. Depois elas saem em cortejo, em direção à rua General Osório, entrando na esquina da loja Rei dos Esportes, seguindo para a Igreja da Misericórdia. Por fim, passam pela rua Duque de Caxias, e voltam para a Praça Rio Branco, onde atraem centenas de foliões que festejam com as Calungas. Garcia comenta que:

Desde sua primeira edição, o Bloco “As Calungas” mantém a proposta de dar oficinas de percussão a fim de agregar mulheres que tenham vontade e disponibilidade para ensaiar e se apresentar na chamada “quinta-feira das flores”, ocasião em que as cores vibrantes dos figurinos de chita são refletidas pelas ruas da cidade. (Garcia, 2018, p.5).

Daí se enraizou o nome Quinta das Flores, dia no qual todas as oficinandas e oficineiras se reúnem para celebrar a chegada de mais um carnaval elas saem em cortejo pelas ruas do centro da cidade, formando um imenso bloco de arrasto, com figurinos floridos e cores vibrantes. A seguir, um registro fotográfico (figura 6) do bloco na Quinta das Flores:

Figura 6 - Bloco das Calungas



Fonte: Instagram/As Calungas

4.3 OFICINAS DO BLOCO

As oficinas tiveram o número recorde de 400 inscritas para o carnaval 2024. As inscrições foram feitas pelo aplicativo *Forms*, do *Google*, divulgado pelas redes sociais do grupo e com livre acesso às interessadas.

Neste ano de 2024, além de preencher o formulário, as pessoas que desejavam se inscrever nas oficinas precisavam desembolsar a quantia de R\$ 30,00 (trinta reais) para contribuir com o bloco, onde esses valores foram destinados para as despesas do bloco e das oficinas. Os gastos do bloco são: Os cachês das integrantes, as chitas, os cachês das homenageadas e ajuda de custo das próprias, decoração do palco, segurança, camarim, estandarte do bloco, filmagem e registros fotográficos, o lançamento do estandarte. Os gastos das oficinas são: ajuda combustível dasicineiras, arte para divulgação, um profissional para manusear as redes sociais, reposição de apito, comunicadores e registros de imagens, aicineira Rosicleide Carlos Lira comenta que:

A gente cobrou este ano para poder arcar com os custos do bloco e oficina, ajuda de custo para combustível da gente e as coisas do bloco mesmo, como cachês. A gente fala que não cobra pelas oficinas porque 30,00 reais dividido por seis meses de trabalho daria 1,76 por aula para cada aluna, isso pra gente não é pagar, até porque a gente não recebe por aulas. (Lira, 2023)

. As oficinas, no entanto, são ministradas de forma gratuita, e esse valor é apenas um valor simbólico devido ser pago apenas uma vez e são dezessete oficinas ministradas, essa taxa é de grande valia para o funcionamento do bloco e das oficinas tendo em vista que o grupo não tem apoio e nem patrocínios, aicineira Deilde Santos comenta que:

Esse ano foi o primeiro ano que a gente cobrou realmente 30 reais, mas a gente cobrou para custeio do bloco mesmo, a gente monta uma estrutura de camarim, a gente não tinha garantias do que ia conseguir porque a gente não tinha apoio de ninguém, então a gente pede som, palco mas nem sempre a gente recebe tudo por exemplo a gente não recebeu banheiros, então assim todos esses anos esses custos eram arcado pelo próprio valor arrecadado das camisas e que não cobriam, tanto é que ao longo do ano a gente tirava uma porcentagem do nosso cachê, qualquer cachê que a gente conseguisse e colocava na caixinha para o bloco, esse ano a gente resolveu que o bloco pudesse se custear. (Santos, 2023)

Sobre a taxa ser simbólica e as oficinas serem ministrada de forma gratuita ela ainda comenta que:

Você paga 30 reais de inscrição e não paga mais nada, durante quatro meses e você tem dezessete oficinas, ai se você divide aquelas dezessete oficinas pelos 30 reais saem á cinquenta e seis centavos cada oficina, então é um valor simbólico,

considerando que por aí as pessoas cobram cinquenta, sessenta reais (Santos, 2023)

Além da taxa no ato de inscrição, as mulheres são informadas que precisam ter o instrumento que pretendem tocar no bloco.

Durante as oficinas, centenas de mulheres são separadas por naipes, e asicineiras se tornam chefes de naipes, que ensinam, de forma prática, por meio da oralidade, repetição, reprodução e imitação. Os ensaios ocorrem por cerca de cinco meses para a preparação do bloco.

O repertório do grupo tem sua base pautada na cultura popular mas não é um grupo tradicional, onde o grupo tem seus próprios arranjos, os ritmos ensinados nas oficinas são: Caboclinho, Coco, Ciranda, Ijexá, Maracatu, Axé, Funk, Samba duro, Samba reggae e o maculelê.

No primeiro ensaio, são apresentados os instrumentos e seu contexto dentro da história de cada um, e assim é apresentado o primeiro ritmo que será trabalhado. A duração das oficinas é de duas horas e meia, no horário das 15:00 às 17h:30 min, aos domingos, dividida nos seguintes momentos:

1. Primeiro momento: É realizada uma introdução do ritmo do dia, tocado pelas icineiras. Também são dados alguns avisos gerais sobre o bloco. Esta etapa da oficina tem a duração de cerca de 20 minutos.
2. Segundo momento: Cada chefe de naipe se desloca junto às icinandas de seus respectivos instrumentos para ter um momento específico de trabalho com os instrumentos determinados. Formam-se grupos menores de cada naipe, onde é possível trabalhar especificidades de cada instrumento. A chefe do naipe demonstra os toques e pede para as icinandas reproduzirem as células rítmicas, trabalhando com a oralidade e a repetição dos movimentos. Após passar algumas vezes o ritmo, as chefes de naipes retornam para se juntar ao grupo maior para o terceiro e último momento.
3. Terceiro momento: Todas as mulheres se reúnem, logo após a prática dos naipes, para iniciar um cortejo dentro da UFPB, onde já é possível montar um padrão de bloco: as alfaias vêm atrás, na frente vêm as caixas, seguido de agogô e ganzá, e na frente os agbês. Todas repassam o que foi ensinado durante a aula, e assim

veem o real resultado do que foi trabalhado pelos naipes. Elas se movimentam, dançam e tocam, já ensaiando para o objetivo final, que é o bloco de carnaval. A seguir foto do momento em que todos os naipes estão reunidos, oficinairas e oficinandas, após o ensaio (figura 7):

Figura 7 - Oficinas das Calungas



Foto: Beto Jorge / Fonte: Instagram

O momento das oficinas é crucial para todo o funcionamento do bloco, pois é o espaço onde elas aprendem os ritmos que serão tocados, e o movimento corporal que será apresentado no carnaval. Como bem disse a nossa entrevistada:

Então, a gente usa oralidade, tudo por imitação, a gente começa com alongamento, demonstra, alonga, chamada durante o alongamento a gente se apresenta e se conhece um pouco ali passa metodologia do dia o ritmo do dia através da voz de canto movimentos no caso a dança a gente passa os passinhos, depois a gente reúne passo com toque e depois junta todo mundo para tocar junto que é a parte que eu vejo que elas mais que é um momento que elas conseguem de fato entender porque ali o instrumento ele é só o preenchimento. E aí sempre precisa ter uma referência. E aí quando junta com o sono tambor que a nossa maior referência elas conseguem de fato encaixar o som e desenrolar muitas vezes durante o ensaio do naipe. Às vezes a gente não consegue um resultado tão bom, mas quando junta todo mundo a coisa acontece (Lira, 2023)

A cada ensaio é passado um ritmo novo nos naipes, e no fim são tocados juntos. Devido ao curto período de tempo, elas não voltam para o ritmo anterior, mas durante a semana ocorrem encontros virtuais via Whatsapp para que seja possível sanar as dúvidas do ritmo ensaiado na semana anterior.

5 PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO BLOCO AS CALUNGAS

5.1 FORMAÇÃO DAS OFICINEIRAS

Durante as entrevistas, ficou evidente que a formação musical das oficinas se dá de duas formas principais: através de um estudo mais formal (com nível acadêmico ou técnico musical); e por meio de experiências não escolares, com amigos e familiares. Nesse sentido, a oficina Deilde Santos comenta:

Fiz o curso de extensão aqui na universidade. Fiz a EEMAN também. Depois voltei para cá para o curso superior de educação artística com habilitação em música aí me formei já fui atuando na área tanto como musicista e como professora (Santos, 2023)

Podemos perceber que os cursos de música ofertados na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e na Escola Estadual de Música Antenor Navarro (EEMAN) foram de grande valia para a oficina Del Santos. Entretanto, além dos cursos, o ensino em casa junto à família também fez grande diferença para sua performance como educadora e musicista. A mesma oficina comenta: “a gente tinha essa vivência musical dentro de casa, né? Aí eu já comecei a batucar nos móveis de casa mesmo, segundo minha mãe, ela dizia que eu vivia batucando nos armários, e isso aos 14 anos.” (oficina Del Santos, entrevista concedida a autora). A Oficina Del Santos também participou dos cursos de extensão de percussão da Universidade Federal da Paraíba, ela teve oportunidade de tocar vários instrumentos percussivos durante sua trajetória no curso.

Quanto à oficina Karla Maria da Silva, sua formação musical se deu, majoritariamente, fora do ensino institucionalizado. Através dos mestres, ela teve contato com a percussão, com uma vivência popular nos grupos de maracatus dos quais participava. Ela comenta:

Procurei um canto que eu seguisse o meu estudo, né? Eu fiquei procurando e todo mundo indicou o UFPB que tinha um grupo, era o Círculo de Tambores na época, aí já estava já no final da transição de Círculo de Tambores para Tambores da Lua⁴ e cheguei nesse final aí, consegui aprender mais os outros instrumentos de percussão, né? Como o ganzá, o pandeiro, agogô através dos Tambores da Lua, foi tudo de vivência de oficina de rua (Silva, 2023)

⁴ O grupo Tambores da lua é um grupo de percussão que celebra a convivência social através da prática de tambores, onde se dá reverência às matrizes africanas em seus toques.

Analisando as falas das duas oficinairas, percebemos que o ensino pode se dar em vários âmbitos e ter várias vertentes, com diversas abordagens, tanto na academia, como em grupos, com amigos, familiares, ou até mesmo de forma mais individualizada, isto é autodidata.

Adentrando às outras entrevistas, é notável que o aprendizado das oficinairas foi expressivamente na área de percussão. No entanto, uma das oficinairas veio do canto, o que nos chamou bastante atenção nas entrevistas. Ela precisou aprender os ritmos com a outra chefe de naipe, que ensina junta a ela no grupo, a oficinaira Cassia Guimarães comentou:

Eu sempre tive um ritmo muito forte assim, desde criança eu sempre tive essa facilidade, sei lá, de fazer batuques, com a rítmica eu sinto isso desde criança, então assim fiz a aula, foi tudo muito natural de mim mesma (Guimarães, 2023)

Além da formação acadêmica, as oficinairas sempre tiveram contato com a cultura popular e com grupos dessa vertente. Todas passaram por algum grupo coletivo de percussão até chegar ao grupo As Calungas. Como bem disse a oficinaira dos Agbê: "Comecei meus estudos em 2005 na EEMAN. Foi o ano em que eu me envolvi com a percussão através do Círculo de Tambores da universidade." (oficineira do agbê, entrevista concedida à autora). Ela segue comentando que já passou pelos grupos Pé de Elefante, Arabelo, Maracaíba e Baque Mulher⁵.

Uma das oficinairas relatou que pensou até que não teria jeito para dar aulas, por não ter frequentado uma sala de aula de música, mas que nas Calungas ela se reencontrou e percebeu o quanto é precioso passar os conhecimentos adiante. Mais uma vez, notamos que não é necessário estar em uma sala de aula para posteriormente dar aulas, o que pode ser feito em rodas, grupos populares e outros contextos.

Também percebemos durante as entrevistas que algumas oficinairas entraram no grupo como alunas e, aos poucos, foram adentrando ao universo percussivo, até se tornarem chefes de naites a convite das antigas integrantes. Santos (2023) comenta: "Eu era alfaia e era aluna, né? Eu entrei como aprendiz, só que aí quando as meninas viram que eu já tinha vivência, experiência, aí já convidaram para fazer parte do grupo fixo".

O fazer musical vai muito além dos muros de espaços institucionalizados de ensino, uma vez que pode se dar de várias maneiras, e vemos um grande potencial em cada

⁵ Baque mulher é um grupo de percussão da cidade de João Pessoa, fundado pela mestra Joana Cavalcante, faz parte do movimento internacional feminista do baque virado, existente desde 2017.

integrante do grupo em suas diversas formas da prática pedagógica. Através de suas vivências individuais, cadaicineira tem uma forma de conduzir suas aulas. Embora a maioria dasicineiras tenha alguma formação acadêmica, a integrante chefe do naipe de agogô e ganzá tem sua formação pautada pelo ensino "da rua", tendo aprendido dentro de grupos musicais e até dentro do próprio projeto das Calungas. As entrevistadas relatam suas formações e podemos perceber que a cultura popular veio junto a vivência de grupos de percussão popular, não apenas nas instituições de ensino, muitas delas aprenderam dentro do grupo As Calungas e daí se tornaram chefes de naites com o passar dos tempo.

A seguir, descrevo algumas estratégias utilizadas durante as oficinas, a partir desta bagagem formativa musical dasicineiras.

5.2 MOVIMENTO DO CORPO/DANÇA

Vimos que o processo de ensino do grupo é bastante pautado pela cultura popular, ou seja, com aprendizagem pela prática, pela base da repetição, quando asicineiras apresentam como será o ritmo trabalhado em cada naipe e instrumento. Junto a isso, é solicitado que asicineandas reproduzam o ritmo durante a aula, até internalizaram a célula rítmica do gênero ensinado. Além do ritmo musical, o grupo também trabalha com a dança, especialmente no caso do naipe do agbê. Aicineira Monalisa Lira desse naipe comenta que:

O instrumento do agbê é um instrumento muito de você internalizar o movimento dele e a gente trabalha com dança e tal... então a dança eu costumo dizer que a dança e o instrumento são uma coisa só. Então se a gente pensa que são duas coisas diferentes, fica bem mais difícil, mas o instrumento a gente tem que pensar nele como uma extensão do corpo e é como se a gente tivesse dançando. E ou tocando assim não é uma coisa ou outra (Lira, 2023)

Os movimentos realizados junto ao instrumento vêm como extensão do corpo, onde elas trocam passos e se movimentam a cada célula rítmica. Assim, nota-se a relevância do trabalho dos passos de dança junto ao ritmo: corpo e ritmo estão interligados nessa prática. A finalidade das oficinas é a saída do bloco de carnaval, o que reforça a importância da dança, presente neste universo carnavalesco de rua.

Os passos de dança estão interligados diretamente aos baques⁶ que são tocados: todos os naites acabam fazendo passos de danças na hora da saída do cortejo, e como se trata de um bloco de carnaval, tem a sua tradição de música e dança reunidas para esta grande celebração.

⁶ Baque é um termo que se refere ao ritmo do maracatu.

5.3 UTILIZAÇÃO DA ONOMATOPEIA E SÍLABAS PARA ENSINO DOS RITMOS

Dentro do fazer musical das Calungas, outra estratégia utilizada para ensinar durante as oficinas é o uso do solfejo de onomatopeias e sílabas para cantar o ritmo ensinado. Nesse sentido, Santana comenta que "a estratégia de cantar (solfejar) a batida e convenções é comum durante ensaios e momentos mais pontuais de aprendizado [em grupos de batucada] (Santana, 2019, p.9). Aicineira Juliana Ribeiro Barros costuma utilizar palavras e sílabas para proporcionar um entendimento do ritmo:

Eu também coloco café, a sílaba CA – FÉ. O acento não é do jeito que eu falo café. Atribuo palavras também, é assim como cantadas da minha música hoje é café. Café, café, lá de Catolé, e onde tem o acento no português tem no instrumento, então do mesmo jeito você decora "Parabéns para você" mesmo sem ter noção nenhuma de música. Todo mundo sabe cantar parabéns e canta no ritmo, mesmo sendo descoordenado. Não é? Mesmo tendo problema de coordenação a pessoa canta "Parabéns" bem direitinho desde de bebê, não é? Então eu aposto nisso, que a pessoa vai decorar minha letrinha da minha musiquinha, pobre minha musiquinha, pobre é só café. Café que vira Parabéns para você e a pessoa se decorou minha musiquinha vai colocar lá no instrumento. (Barros, 2023)

A utilização das palavras para trabalhar a rítmica musical é muito usada no grupo para desenvolver o aprendizado do instrumento. Aicineira do Karla Maria comenta que elas utilizam várias sílabas para cada célula rítmica tocada. Junto com a utilização da dança que sempre está presente no grupo, o uso de solfejos rítmicos com palavras e sílabas se mostra uma das peças fundamentais para os processos de ensino e aprendizagem.

É bem assim, bem didático juntando os toques, né com a com a leitura rítmica que acontece a mágica, elas conseguem aprender assim que eu fiz um curso, por imitação uso alguns toques com a boca, né? Por exemplo o Maracatu, "que é que tu tem Zé? Que que tu tem? O que que tu tem zé, né? Porque as sílabas junto com toque e também a dança (...) é importante que a dança ajuda bastante a versão, os passos. (Silva, 2023)

Entende-se que o uso das palavras é um grande aliado na execução dos ritmos trabalhados no grupo, mostrando em cada sílaba a figura musical e sua célula rítmica, o que ajuda as afinandas a entenderem melhor o que é ensinado, e assim tocarem com mais consciência e clareza.

5.4 DISPONIBILIZAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO DO GRUPO

Além do ensino presencial, as oficinas buscam recursos tecnológicos para somar em suas aulas, utilizando plataformas digitais, contribuindo assim para a formação das oficinas. O grupo As Calungas conta com materiais disponibilizados via *internet*, de forma gratuita, onde postam vídeos de apresentações e videoaulas de cada naipe do instrumento. Este material está organizado em uma *playlist* com vídeos didáticos no canal do *Youtube* das Calungas⁷.

Na busca por diversificar a forma de passar o conhecimento para as oficinas, outro recurso adotado é o uso do aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*, com grupos para compartilhamento de materiais audiovisuais, o que permite o estudo em casa das oficinas. Como o tempo das oficinas é curto, elas não voltam ao ritmo passado na semana anterior, então essa é uma das estratégias que o grupo encontrou para que todas aprendam de forma simples e ágil. Portanto, o uso do *WhatsApp* para envios vídeos durante a semana é de grande importância. A oficina relata:

A gente sempre tem um grupo no WhatsApp onde a gente se comunica durante a semana, e eu sempre antecipo ritmo que a gente vai trabalhar no domingo, então a gente tem uns vídeos gravados já no YouTube. A gente pega o ritmo, coloca lá no grupo e digo: olhem, assistam o vídeo, domingo a gente vai passar esse ritmo, dê uma ouvida para se familiarizar com o ritmo e a gente vai trabalhar isso. Faço aula extra, faço o vídeo, então, assim, tô sempre aberta a tiragem de dúvida, geralmente no final da oficina ou em outros momentos no grupo, quando aparecem dúvidas. Ou eu percebo durante uma dificuldade durante a oficina, mais tarde, ou no outro dia, eu faço um videozinho para mostrar de uma forma a mais, de uma outra forma do que tá lá no YouTube, de repente uma forma que eu acho mais fácil delas conseguirem absorver aquele movimento, e aí elas ficam estudando durante a semana aquele videozinho. E já para o finalzinho do ano, que é quando assim a gente precisa mais, a gente se organiza em aulas extras e tudo mais, dentro da necessidade. (Lira, 2023)

Desta maneira, a prática pedagógica do grupo é trabalhada de forma leve, consistente e de um jeito que todas as alunas conseguem extrair o máximo de cada aula.

⁷ Playlist das oficinas dos ritmos ensinados nas oficinas das Calungas:

<<https://www.youtube.com/watch?v=kl6qlinMOS0&list=PLaevNZBN8xv9CBi1dXD96CT4QugOKAmBs>>.

Acesso em: 10 abr. 2024.

Naipe de Agogô: <<https://www.youtube.com/watch?v=Dnf06ueeiKI&list=PLaevNZBN8xv9xqM-4LbwVko3Mk0vrg673>> Acesso em: 10 abr. 2024.

Naipe de Agbê:

<<https://www.youtube.com/watch?v=VEUULAud3uc&list=PLaevNZBN8xv94JzDlbdqGTxCjBvSmzChY>>

. Acesso em: 10 abr. 2024.

Naipe de Caixa:

<https://www.youtube.com/watch?v=7I1jXWXfwDY&list=PLaevNZBN8xv8X7ISDlc3smdQ4Bo7-hJ4v>

Acesso em: 10 abr. 2024

Naipe da Alfaia: <https://www.youtube.com/watch?v=OoS-c8vU_-M&list=PLaevNZBN8xv9teZtC-oLekUW9EdBvTY2U>. Acesso em: 10 abr. 2024.

5.5 ORALIDADE, REPETIÇÃO E IMITAÇÃO DENTRO DO GRUPO

O uso da oralidade, da repetição e da imitação são elementos-chave do ensino nas oficinas, sendo cruciais para a prática pedagógica do grupo, onde convivem diferentes níveis de experiência musical, e no qual a maioria das oficinas não tem nenhuma vivência pedagógica musical prévia desta forma. Esses recursos tornam o aprendizado mais acessível e mais palpável. Aicineira Juliana Ribeiro Barros relata como isso acontece:

Ó, nós vamos fazer e vocês irão observar, e logo em seguida vão reproduzir. Entendeu?! Então, essas nossas oficinas dão muito certo, tem muito a ver por isso, porque assim. Olhou o que a gente tocou, decorou, assimilou, reproduziu, entendeu? Com mímica, com dois, três, com musiquinha, com palmas, com o corpo. (Barros, 2023)

Nas entrevistas com as icineiras do grupo, todas elas afirmam que a repetição é a chave de um bom ensino dentro do grupo, pois elas demonstram o ritmo ensinado naquela aula e pedem para as alunas repetirem até conseguirem, até entenderem a célula rítmica. No caso do instrumento caixa, em conversa com a icineira Deilde Santos, ela disse que para ensinar o seu instrumento não tem como usar outra técnica a não ser a observação e a reprodução, devido as suas notas fantasmas. Ela comenta que:

Nos outros naipes as meninas criam frases “chocolate e pão”, porque na verdade elas fazem toques isolados, a caixa é um instrumento de preenchimento, né? Ela faz os acentos, mas ela tem muita nota fantasma, e aí a gente não tem como dar frases por isso, e a gente não tem como falar só os acentos, aí, nesse caso, a gente realmente só usa a demonstração, mostra como é pela audição, elas vão lá, observam e repetem, e a gente usa o tempo todo essa metodologia, é observação e reprodução, observação e reprodução. (Santos, 2023)

Assim, o principal recurso utilizado no grupo é a oralidade, a repetição, a imitação e a observação, de modo que elas ensinam as oficinas a reproduzir o ritmo no seu instrumento de forma mais consistente e rápida, já que o grupo não possui muito tempo disponível para a prática musical. Portanto, a forma popular de se fazer música é característica do grupo, apresentando seu instrumento, logo em seguida mostrando o ritmo que será trabalhado no dia e assim solicitando que as oficinas reproduzam aquele ritmo que será trabalhado, como diz a icineira Del Santos:

Apesar de ter aprendido na academia, mas pela característica do projeto de ser um projeto aberto para pessoas que inclusive não tem vivência nenhuma com música. A gente incorpora na nossa metodologia de ensino a transmissão oral da forma tradicional, como é passada na cultura popular mesmo, né? Então a gente faz a transmissão oral (Santos, 2023)

Outraicineira afirma que:

A gente utiliza muito como elas não tem aquela base teórica musical. Né, que ajuda bastante na hora de repassar. Então a gente vai vai pela metodologia da Repetição né? A gente utiliza oralidade explica exemplifica faz com que elas cantem que elas repitam, observe e repitam né? que o que é feito e a gente fica incansavelmente repetindo até elas de fato internalizarem aquilo e de fato aprendem né? (Lira, 2023)

Fica evidente como o uso da repetição é um grande aliado dentro da oficina, uma vez que as oficinandas não têm a prática teórica musical, o caminho que asicineiras encontraram para compartilhar o conhecimento foi através dos motes da cultura tradicional popular, da repetição, da imitação, da reprodução e da oralidade. Ou seja:

- Oralidade: Asicineiras falam o ritmo ensinado às oficinandas, usando a voz em suas aulas. Subtende-se oralidade como o principal meio de transmissão de conhecimento e comunicação na cultura popular.
- Repetição: É a forma como as oficinandas irão reiterar o que foi mostrado pelasicineiras em cada ritmo, tornando repetitivo o toque, até elas conseguirem internalizar o ritmo ensinado.
- Imitação: Asicineiras demonstram nos seus instrumentos o ritmo solicitado e pede que as oficinandas executem fielmente os baques, os toques e as células rítmicas.
- Reprodução: No final de cada aula, asicineiras reproduzem o ritmo ensinado.

Além disso, as oficinandas com mais experiência no ritmo ajudam as novatas que sentem mais dificuldades em aprender e, dessa forma, auxiliam as chefes de naipes nesse processo de ensino, como diz Lira:

Existem uma troca natural entre elas, as oficinas que a gente dá são sempre para quem não tem experiência, então a gente tá sempre com a didática pensando em quem não sabe nada. Então, as veteranas, elas já sabem que de fato é esse posicionamento, então o instrumento, ele não é um instrumento tão fácil, então, mesmo que a pessoa tenha vindo do ano anterior, muitas vezes, a pessoa ainda não conseguiu absorver 100% do repertório (Lira, 2023)

5.6 REDE DE APOIO DENTRO DO PROJETO AS CALUNGAS

Outra questão abordada por Garcia (2018) é sobre a rede de solidariedade feminina que se forma durante a rotina de encontros do grupo. A autora cita que algumas mulheres empreendedoras levam seus produtos (itens alimentícios e artesanatos, principalmente) para serem vendidos nos dias das oficinas, e também divulgam suas produções em grupos de *WhatsApp*. Assim, As Calungas atingem também uma perspectiva econômica para as mulheres, contribuindo para a obtenção de renda extra e fortalecimento de outros ofícios.

O grupo percussivo mostra que além das suas práticas pedagógicas, existe muito acolhimento entre asicineiras e oficinandas. A prática percussiva vai muito além dos espaços pedagógicos, pois elas compartilham suas vivências e experiências pessoais dentro e fora do grupo, como Santos disse:

A gente está criando uns vínculos de amizade. A gente tem ali uma *network*, elas compartilham entre si também redes de trabalho, uma trabalha com moda, outra trabalha com bijuteria e elas casam e fazem Exposições juntas. Isso é muito legal (Santos, 2023)

O acolhimento entre elas é de grande valia, tanto para o crescimento no grupo, quanto para o crescimento pessoal. Porém, por falta de espaço, reconhecimento e políticas públicas, as chefes de naipes sentem necessidade de ajudar um pouco mais as oficinandas, já que faltam espaços *kids* para as mães, e banheiros químicos para utilização durante os ensaios, por exemplo. Então, as chefes têm certa dificuldade em administrar a quantidade de mulheres que ali estão aprendendo. A chefe de naipes Lira comenta:

A gente precisa dar um suporte para as mães, sendo que na nossa cabeça a gente não é um curso de percussão, aí eu fico pensando: nossa, quando esse povo se inscreve no curso, eles fazem isso sabe, porque na verdade as pessoas não vêm a gente como um simples curso de percussão, né? Vê a gente como movimento de feminino, o movimento de mulheres para mulheres, e não deixa de ser, mas não nessa função. Acho que essa é a coisa que mais mexe com a gente nesse processo, é uma demanda bem complicada, fora a questão da gerir mesmo essas mulheres assim. Mas essa parte que mexe, pelo menos comigo, mexe muito, porque a gente a gente não é insensível ao ponto de não reconhecer a necessidade da outra, mas ao mesmo tempo, a gente tem as nossas demandas pessoais, a gente não tem condições de gerir tudo, né? É o ponto de as pessoas pensarem também, às vezes eu sinto também que é um pouco a falta do reconhecimento, porque a gente cobra aquela taxa de inscrição, mas a gente não recebe nada para dar as aulas. (Lira, 2023)

E a Juliana Ribeiro relata que:

Como as mães que vêm com filhos, e a gente não tem como o local e a gente é, por exemplo, é um grupo só de mulheres, a gente só conseguiu aqui, a UFPB, dia

de domingo. As mulheres reclamam que não têm banheiros e a gente sabe disso, a gente luta há 10 anos para ter banheiro, deixando departamento desse aberto para a gente poder ir no banheiro, e não tem, então são cobranças que vem pra gente que dói muito, e que a gente tenta resolver e que nós somos mulheres também. Os argumentos, assim, a gente menstrua, a gente tem filho, e nós oito somos mulheres, menstruamos, temos filhos (Barros, 2023)

Enfim, existem muitas dificuldades enfrentadas pelo grupo por congregar tantas mulheres. Além da falta de saneamento e a falta de espaço para as mães, a falta de apoio financeiro, de políticas públicas e de incentivos do Estado, As Calungas enfrentam vários outros percalços no caminho para desenvolver suas práticas pedagógicas, como, por exemplo, a falta de pontualidade das oficinandas. Mesmo assim, elas seguem adiante.

Asicineiras continuam seu trabalho por amor, por ver a cultura popular crescer e se desenvolver, para colocar mais mulheres em instrumentos que até pouco tempo eram considerados masculinos. As icineiras ensinam com prazer e amor à arte, mas às vezes sentem a falta de um reconhecimento por parte das oficinandas e de toda a comunidade.

Apesar de todos os problemas enfrentados, isso não tira a alegria e a vontade das chefes de naipes em ensinar essas mulheres, de levantar sua autoestima, empoderá-las, e mostrar que elas são capazes de fazer o que até tão pouco tempo não imaginariam que conseguiriam fazer. Cria-se uma espécie de irmandade entre todas que participam: todas se ajudam, compartilham suas vivências e história durante o período de ensaios, e além dele, e assim conseguem criar vínculos e ter boas experiências.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, pudemos perceber a forma como a cultura popular está interligada ao grupo pela forma de ensinar. O grupo bebe nessa fonte da cultura popular, além de ensinar através do método de reprodução e imitação.

O trabalho no bloco das Calungas vai além dos espaços escolares, trazendo às oficinas recursos tecnológicos digitais para auxiliá-las no ensino, criando novos tipos de vínculo com as oficinandas, e assim proporcionar uma melhor compreensão do fazer musical.

As oficinas têm um objetivo final que é a realização do bloco de carnaval, onde todas saem em cortejo pelas ruas do centro da cidade de João Pessoa, quando performam o repertório ensaiado para este momento. Todavia, nas entrevistas, pudemos perceber que há

uma vontade das afinandas em aprender seu instrumento e continuar a fazer música depois das afinas.

A grande importância deste trabalho das Calungas é inserir mais mulheres no campo percussivo, este que muitas vezes é um lugar masculinizado. O grupo vem mantendo e ampliando sua capacidade de ensinar centenas de mulheres todos os anos em suas afinas, mostrando o grande papel de inclusão social e cultural para a sociedade.

Percebe-se a importância desses espaços e o quanto eles vêm avançando, reunindo mulheres para a prática do instrumento percussivo, deixando uma vontade a mais em todas de aprender além das afinas musicais.

Ao final da pesquisa, tive êxito em solucionar todos os objetivos propostos durante o trabalho com bastante clareza, trazendo pontos específicos para cada resolução. Constatamos também o quanto elas sentem amor e dedicação pelo que fazem durante estes dez anos formando mulheres que nunca tocaram em um instrumento, permitindo que elas se descubram e mostrem a si mesmas que são capazes.

Assim, cria-se um laço entre as afinadoras e afinandas, revelando como estes processos de aprendizagem podem empoderá-las, Elas aprendem, além da prática percussiva, sobre empoderamento, acolhimento, sororidade, compreender mais umas às outras, paciência e percebem que cada pessoa tem seu processo, professoras e alunas, utilizando a percussão como eixo destas experiências e vivências.

Portanto, é evidente a contribuição do grupo As Calungas no crescimento do número de mulheres na percussão paraibana, fomentando a cultura popular na cena musical local.

Esperamos que essa pesquisa possa contribuir para o incentivo ao ensino musical, principalmente fora do âmbito escolar, e para a propagação do ensino de grupos tradicionais voltado à cultura popular.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Margarete. Um olhar antropológico sobre práticas de ensino e aprendizagem musical. **Revista da ABEM**, [S. l.], v. 8, n. 5, p. 13-20, 2014. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/448>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- BARROS, Juliana Ribeiro. Entrevista concedida a Morgana Gabrielly Morais da Silva em 11 set. 2023. João Pessoa, 2023.
- D’AVILA, Sthefane; QUADRA, Gabrielle Rabelo. Educação não-formal: qual sua importância? **Revista Brasileira de Zociências**, [S. l.], v.17, n 2, p.22–27, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/zoociencias/article/view/24644>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- GARCIA, Elizangel dos Santos. Inserção de mulheres no fazer percussivo: considerações sobre a atuação do grupo “As Calungas” na cidade de João Pessoa/PB. *In*: REDOR – ENCONTRO DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO, 20, 2018, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: [s.n.], 2018. Disponível em: <https://www.redor2018.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czoZNDoiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSUZPIjtzOjM6IjU3MiI7fSI7czoXOiJoIjtzOjMyOiJjYzA4OWU1ZWY3ODBmNGJjZGZhZTQ3ZjE5ODU3YTRiOSI7fQ%3D%3D>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- GARCIA, Elizangela dos Santos. **Mulheres percussionistas na cidade de João Pessoa-PB: um estudo do grupo “As Calungas”**. 2019. 103f. Dissertação (Mestrado em Música- Área de concentração: Etnomusicologia). – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19198>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- GUIMARÃES, Rita de Cássia de Brito. Entrevista concedida a Morgana Gabrielly Morais da Silva em 11 set. 2023. João Pessoa, 2023.
- HOOKS, Bell. **Ain’t I a woman: black women and feminism**. Boston: South End Press, 1981.
- LIRA, Rosicleide Carlos. Entrevista concedida a Morgana Gabrielly Morais da Silva em 11 set. 2023. João Pessoa, 2023.
- MARTINS, Olga Sorrentino. **Oficinas Musicais d’As Calungas: compreendendo o processo de ensino e aprendizagem**. TCC. (Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Instrumento Musical) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, João Pessoa, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/331824613_Oficinas_Musicais_d'As_Calungas_compreendendo_o_processo_de_ensino_aprendizagem_TCC_Tecnico_Integrado_-_Olga_Sorrentino_Martins. Acesso em: 17 abr. 2024.

MONTEIRO, Solange Aparecida Souza (org). **Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo**. Ponta Grossa: Atena, 2019. v.1, p.5. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/index.php/catalogo/ebook/estudos-interdisciplinares-sobre-genero-e-feminismo>. Acesso em: 20 maio 2024.

QUEIROZ; Luis Ricardo da Silva. MARINHO; Vanildo Mousinho. Pesquisa etnográfica, cultura popular e educação musical: uma “embolada” de desafios na contemporaneidade. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 24., 2019, Campo Grande. **Anais** [...]. Campo Grande: ABEM, 2019. Disponível em: <https://www.abem-submissoes.com.br/index.php/xxivcongresso/2019/paper/view/351>. Acesso em: 17 abr. 2024.

RAVANGNOLI, Neiva Cristina da Silva. A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na linguística aplicada. **The Specialist**, São Paulo, v. 39, n. 3, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/download/34195/27433/114448>. Acesso em: 17 abr. 2024.

ROSA, Laila; IYANAGA, Michael; et. al. Epistemologias feministas e a produção de conhecimento recente sobre mulheres e música no Brasil: algumas reflexões. *In*: NOGUEIRA, Isabel Porto; FONSECA, Susan Campos (orgs.). **Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas**. Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 2013. p. 110-133.

SANTANA, Chico. Reverberação de saberes na batucada de samba. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 24., 2019, Campo Grande. **Anais** [...]. Campo Grande: ABEM, 2019. Disponível em: <https://www.abem-submissoes.com.br/index.php/xxivcongresso/2019/paper/viewFile/220/88>. Acesso em: 17 abr. 2024.

SANTOS, Deilde. Entrevista concedida a Morgana Gabrielly Morais da Silva em 11 set. 2023. João Pessoa, 2023.

SILVA, Karla Maria. Entrevista concedida a Morgana Gabrielly Morais da Silva em 11 set. 2023. João Pessoa, 2023.

TANAKA, Harue; BARBOSA, Kátiusca Lamara dos Santos; OLIVEIRA, Luiza Iolanda Pegado Cortez de Oliveira. Empoderamento e performance musical: pesquisa do rasemum batuque feminino. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11: WOMEN’S WORLDS CONGRESS, 13., 2017, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499321017_ARQUIVO_Fazendogenero_2017_versaofinal_enviada.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.

TANAKA, H.; FREITAS, L.; ROCHA, R. Mulheres brincantes do coco em cena: uma análise inicial sobre um grupo de pesquisa em gênero e música. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA, 8., 2017, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2017. p.459-468. Disponível em: <https://www.abet.mus.br/wp-content/uploads/2018/11/ANAIS-VIII-ENABET-RJ-2017.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2024.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Grupo As Calungas - 11 de setembro de 2023 - João Pessoa - PB

ENTREVISTADORA: Morgana Morais

ENTREVISTA 1 - Deilde Santos

Nome artístico: Del Santos

Instrumento: Caixa

Deilde Santos: Hoje é dia 11 de setembro de 2023, eu sou Deilde dos Santos, artisticamente conhecida como Del Santos, e toco no grupo As Calungas o instrumento Caixa. É um grupo de oito mulheres, todas percussionistas, mas a gente se divide por instrumento, nessa divisão, na parte do bloco, eu toco caixa. Na parte de palco, aí eu toco instrumentos diversos percussivos.

Morgana Morais: Como foi sua aprendizagem musical?

A música entrou na minha vida desde que eu nasci, né... Meu pai era ritmista da Malandros do Morro, minha mãe gostava muito de dançar, eles dançavam em bailes que tinha na cidade e a gente tinha essa vivência musical dentro de casa, né? Aí eu já comecei a batucar nos móveis de casa mesmo, segundo minha mãe, ela dizia que eu vivia batucando nos armários e com isso aos 14 anos, ela me deu um violão. Aí eu entrei na escola de música nesse período, e a partir daí não parei mais, né? Fiz o curso de extensão aqui na universidade. Fiz a EEMAN também. Depois voltei para cá, para o curso superior de educação artística com habilitação em música, aí me formei, já fui atuando na área tanto como musicista como professora também do canto coral. Eu era regente auxiliar do Maestro Eduardo Nóbrega. Na época, o coral não era o Coral Gazzi de Sá, era o Coral das Artes, do Departamento de Artes. E aí não parei mais né? Não tem como.

Morgana Morais: Como foi que você e as Calungas se encontraram?

Deilde Santos: Eu recebi um convite em 2014, né? Eu passei um tempo afastada da cena musical por questões pessoais, e aí, em 2014, eu voltei, tive um apoio e portas abertas, e o professor Chiquinho Mino, né? Eu não tenho como deixar de agradecer a ele, Chiquinho Mino, professor de percussão mesmo. Aí quando a gente estava tendo esse espaço aqui na universidade, eu recebi o convite. Disseram que estavam formando um grupo só de mulheres na cidade, e que ia ter um grande arrasto na cidade de Pilar-PB, e perguntaram se eu não queria tocar também nesse arrasto. Eu tocava alguma coisa e tal, eu confesso que desse mundo de alfaia eu não era muito ligada, não, eu tocava mais bateria, percussão tradicional, percussão de banda baile, essa alfaia, que é mais característico da cultura popular, eu não tinha muita intimidade, mas eu fui pela facilidade já com música e por ser percussionista.... Fui embora! Aí quando a gente fez esse arrasto, a coisa foi muito boa. As meninas já estavam com o projeto de começar as oficinas, o arrasto foi em junho/julho, se eu não me engano, e as meninas já estavam com projeto e começar as oficinas em novembro, aí eu já entrei no grupo. Isso é o final de 2014 para sair no carnaval 2015. E a gente vai entrar no finalzinho mesmo de 2014 para entrar no

Carnaval 2015. Aí a gente vai fazer as oficinas no Carnaval 2015, o bloco sai no primeiro ano.

Morgana Morais: Então você é desde a fundação?

Deilde Santos: Desde a fundação do bloco, não do grupo As Calungas; o grupo as Calungas já era formado. Não lembro por quantas meninas elas começaram a ensaiar antes na casa de Wênia, mas desde as primeiras oficinas que eu estou no primeiro ano do bloco.

Morgana Morais: Mas sempre foi caixa ou era alfaia?

Deilde Santos: Era Alfaia e eu era aluna, né? Eu entrei como aprendiz, só que aí quando as meninas viram que eu já tinha vivência, experiência, aí já me convidaram para fazer parte do grupo fixo mesmo, e a partir desse momento, eu já fiquei no grupo fixo, e comecei com alfaia.

Morgana Morais: Certo, como é que você, Del, ensina as mulheres nas práticas?

Deilde Santos: Apesar de ter aprendido na academia, mas pela característica do projeto de ser um projeto aberto para pessoas que, inclusive, não tem vivência nenhuma com música, a gente incorpora na nossa metodologia de ensino a transmissão oral da forma tradicional. Como é passada na cultura popular mesmo, né? Então, a gente faz a transmissão oral, a gente chega, tem um momento de acolhimento, a gente faz a demonstração do ritmo para elas que vai ser estudado, ou seja, ela já tem uma ideia de qual o resultado que a gente quer. E aí, cada uma observa o seu instrumento que está sendo tocado na hora, depois a gente se divide em naipes. Nos naipes, aí sim, a gente ensina o qual a função. Qual a linguagem? Qual a melodia que a caixa desenvolve dentro daquele contexto que elas viram no início da demonstração em grupo? E aí elas já entendem mais ou menos. Tipo, se alfaia fala assim, a caixa responde assado, e aí elas já entendem como é que elas dialogam dentro do ritmo que vai ser trabalhado, né? E a coisa encaixa.

Morgana Morais: Você usa palavras?

Deilde Santos: Então, na caixa a gente tem uma dificuldade, né? Nos outros naipes as meninas criam frases como “chocolate e pão”, porque, na verdade, elas fazem toques isolados, a caixa é um instrumento de preenchimento, né? Ela faz os acentos, mas ela tem muita nota fantasma, e aí a gente não tem como dar frases, por isso, e a gente não tem como falar só os acentos, aí, nesse caso a gente realmente só usa a demonstração, mostra como é pela audição, elas vão lá, observam e repetem, e a gente usa o tempo todo essa metodologia: É observação-reprodução, observação-reprodução

Morgana Morais: Como você mostra no teu instrumento: Mostra isoladamente ou dentro do arranjo dos naipes?

Deilde Santos: A gente primeiro mostra dentro do arranjo como é que o quatro tem que soar. A gente pega os quatros, faz uma demonstração de como os quatros vão soar no final, o resultado que a gente vai chegar na oficina de hoje é esse... Separa em naipes, passa separado a linguagem de cada instrumento. No final, a gente junta. E aí, sim, elas reproduzem aquele resultado que a gente mostrou lá no início.

Morgana Morais: Mas aí você mostra um contexto da caixa?

Deilde Santos: Isso aí só nas primeiras oficinas, é que a gente apresenta o instrumento, apresenta baqueta, mostra como chama as variedades que tem, se é caixa de guerra, Tarol, Malacacheta, a gente passa por esse universo, e diz o contexto em que é usado: esse aqui é usado mais em samba escola de samba, esse é usado mais em banda marcial. A gente faz esse contexto nas primeiras oficinas, no máximo, até a segunda, porque pela quantidade de ritmos que a gente apresenta, e a quantidade de domingos que a gente tem, que a gente conta mesmo certinho, e é um ritmo por domingo, a gente acaba ficando com pouco tempo de fazer essa abordagem mais técnica. O negócio é mais a prática, não tem jeito, até porque elas têm, tipo, aquele domingo para pegar aquele ritmo. De forma detalhada, de forma explicada, com calma, no próximo domingo a gente até reproduz ele, mas a gente não explica mais ele, a gente já está explicando e trabalhando o outro.

Morgana Morais: Como é que tu lida, no teu naipe, com os diferentes níveis de aprendizado?

Deilde Santos: É, tem uma coisa na academia, pelo menos quando eu estava na academia, né? Que não era muito reconhecido e não era muito estimulado, que é o talento nato, né? Era muito combatida essa coisa de que fulano tem talento. Fulano, não tem, não, se a gente estudar, a gente dá conta, mas quando a gente trabalha com pessoas que vêm da mesma realidade e, às vezes, da mesma família, nunca teve vivência, uma tem mais facilidade do que a outra, aí a gente vai dizer que isso é o quê? Se não for o talento nato de uma em relação a outra, você vem da mesma casa, né? É irmã, é a genética, mas uma tem mais facilidade e a outra não tem, a gente tem isso lá, tem caso lá de irmãs e de pessoas também distintas que umas têm mais facilidades e outras não, então o que que a gente faz? A gente dá um pouco mais de atenção, são sempre duas professoras por naipe, a gente se divide algumas vezes dentro do próprio naipe, uma fica com uma parte, a outra fica com outra, a gente dá um pouco mais de atenção e pede também um pouco mais de paciência para quem já tem mais facilidade, para a gente acompanhar um pouco o ritmo daquela que não tem tanta. Passa a parte técnica, vai corrigindo no olhar, vai demonstrando se ela está pegando a baqueta errada, chega perto, mostra como é a pegada certa, pede para corrigir. Mas, ao final da aula, a gente sempre reforça que se não tiver o estudo em casa, não absorve, não tem como, e a necessidade de realmente estudar, porque cada ritmo, cada domingo é um ritmo diferente, então não tem como.

Morgana Morais: Sobre o repertório, quais são os repertórios trabalhados?

Deilde Santos: A gente trabalha sempre com ritmo da cultura popular, os arranjos são nossos mesmos. A gente começa com o caboclinho. Um caboclinho de uma forma que a gente adaptou, não é da forma como é feito nas tribos indígenas, nem o Toré, nem o toque de guerra. Então, assim, o grupo As Calungas é um grupo de cultura popular, mas ele não é um grupo tradicional. Ele é um grupo de oito percussionistas que foram alunas, então, todo arranjo que a gente faz, ele é um arranjo que respeita muito a fonte. Mas a gente não tem a pretensão e entende que não, não tem também essa apropriação, digamos assim, essa propriedade de querer dizer que o nosso ritmo é tradicional, não, que a gente faz é arranjo em cima do tradicional, né? É importante diferenciar para que as pessoas não olhem assim, não é assim o arranjo das Calungas né, mas se você for numa tribo indígena, o caboclinho é tocado de uma forma diferente, o

toque de guerra, o perreta, de uma forma diferente. Então é isso aí, a gente passa pelo meio das músicas de coco, ciranda, maracatu, que é muito característico também, sempre fazendo adaptações, e perpassa pelo funk, pelo samba duro, e também um que o público adora quando a gente toca, que são as sequências dos sambas reggaes, que a gente toca e o pessoal se identifica muito, né? Graças a difusão que o Olodum fez.

Morgana Morais: As alunas que demoram a aprender como vocês solucionam isto?

Deilde Santos: Não, tem uma coisa interessante, né, que eu sempre digo para elas... No início, eu digo: Confia na gente que no final acontece uma magia e a gente não sabe como, mas a coisa funciona! E aquelas que confiam e ficam até o final, realmente elas veem que a magia acontece. Eu acho que a energia de você tocar em grupo, o fato de você, dos ritmos casarem direitinho, se encaixam um no outro: O que a caixa toca encaixa bem com que alfaia toca, complementado pelo restante, então, quando a gente vê, no final, até aquelas que tinham mais dificuldades, elas conseguem e tem essa sensação de que “Caramba, eu consegui! Que bom que eu não desisti, não fiquei pelo caminho!”

Morgana Morais: Além da música, o que você acha que elas levam na bagagem?

Deilde Santos: Eu tenho uma satisfação muito grande de ver algumas alunas como Nara Santos, como Lica, que transpassaram esse nicho das Calungas e já se aventuraram em outros grupos tocando um pandeiro, coisa que elas desenvolveram ainda mais depois que elas passaram pelo bloco. Então ver elas se lançando, se sentindo seguras o suficiente, se empoderando para acompanhar uma roda de choro ali no pandeiro, quietinha, tocar uma sambinha, então, quando a gente vê isso, muitas se espalhando pelos grupos da cidade... Têm alunas nossas que começaram com a gente e hoje estão na Nação Pé de Elefante, outras no Maracastelo, estão assim, abrindo asas. A gente está fortalecendo a cultura popular também dentro da cidade, né? Enchendo os grupos de pessoas interessadas, então quando a gente vê isso a gente entende que, para além de ensinar ritmos, a gente está formando público para a nossa cultura popular, né? A gente está criando uns vínculos de amizade. A gente tem ali um network, elas compartilham entre si também redes de trabalho, uma trabalha com moda, outra trabalha com bijuterias, e elas casam e fazem exposições juntas. Isso é muito legal. Então, a gente está criando, na verdade, ali, um network muito importante. Ver esse empoderamento é muito gratificante, e uma coisa que para mim é fundamental, né? Elas chegam dizendo assim: eu vou ver se eu consigo. E elas terminam dizendo: Eu consegui. E isso é que é gratificante demais, quando a gente vê assim, porque é fantástico, elas entenderem que elas podem, sim, elas são capazes.

Morgana Morais: O que que você aprende dentro das aulas? E o que que você leva durante esses 10 anos de Calungas?

Deilde Santos: Cada história uma lição, né? Cada pessoa traz, a gente aprende com elas a questão do respeito. A gente aprende a andar junto, você descobre que você não é melhor porque você sabe um pouco mais, que você não tem que andar na frente de ninguém, você pode andar ao lado, né? E como é bom andar ao lado, sabe? A gente aprende lição de troca mesmo de humildade, parceria. Tem uma menina que eu desde os seis ou sete anos de idade que ela acompanha a mãe, é louca para entrar no grupo, né? E ela, assim, sempre foi o meu xodó, porque eu sempre vi nela um talento muito grande, e hoje ela está aí, com 18 anos, já está no curso de música percussionista, acredito que esse ano ela vem, essa

Sofia Maleta. Mas ela cresceu ali, acompanhando a mãe junto com a gente, sabe? Em compensação, a gente tem também alunas que têm 60, 70 anos de idade, então, a gente aprende muito com essas mulheres a não desistir, a superar os nossos limites, a descobrir que o dia de amanhã é um dia para ser vivido, não é um dia para ficar se lamentando, sabe? É muito legal assim ver as histórias que elas trazem e como elas relaxam. Eu vejo muita mulher assim, muitos filhos da criança no meio do bloco mesmo.

Morgana Morais: Resumindo: a didática de Del Santos?

Deilde Santos: É a do partilhar, é ensinando que você aprende,, e alguém tem sempre o que ensinar, e também sempre o que aprender, então a história, vamos fazer aqui uma troca, ninguém sabe mais do que ninguém, ninguém veio aqui só para dar. Então, a gente sempre que dá, recebe também, a didática é essa, vamos trocar.

ENTREVISTA 2 - Rosicleide Carlos Lira

Nome artístico: Monalisa Lira

Instrumento: Agbê

Rosicleide Carlos Lira: Então, meu nome é Rosicleide Carlos Lira, porém eu sou conhecida como Monalisa Lira, que é meu nome artístico, que começou sendo um apelido, enfim, acabou virando um nome mesmo. Hoje são 11 de setembro de 2023. E, sim, sou percussionista. Comecei meus estudos em 2005, na EEMAN. Foi o ano também que eu me envolvi com a percussão através do Círculos de Tambores da universidade. E não é nesse início que eu comecei a estudar música, eu só queria estudar música e, até então, não pensava no instrumento específico, já tinha violão em casa e tal, mas não sabia ainda o que que eu faria, né? E aí, através do Círculo de Tambores, me abriu uma janelinha um despertar para percussão. Surgiu um outro projeto, que era de montar o primeiro grupo de Batuque da Paraíba que, até então, a gente não conhecia nenhum grupo com essa finalidade de batuque mais para Maracatu. E aí a gente formou um grupo, né? Eu estava lá desde a fundação e a gente chamava de Nação Maracaíba, o primeiro maracatu de João Pessoa. E a gente ensaiava todos os domingos na Antenor Navarro, durante sete anos eu participei desse projeto e, aos poucos, ele foi se modificando até se tornar um grupo no lugar de ser um grupo de cortejo. A gente saiu com mais de 100 pessoas nesse cortejo. Enfim, durante alguns anos, o projeto foi se modificando até se tornar uma banda de maracatu estilizado, com metais, com tudo mais, e aí, depois que ele foi modificando, já não fazia mais parte do projeto, já tava ligada a outras coisas e enfim. As Calungas eu fui convidada a participar através da minha professora de percussão da EMAN, na época. Depois do Maracaíba, eu engravidei e acabei me afastando dos grupos que eu participava, e lá para 2007, 2008, eu já participava de bastantes grupos, já estudava percussão. Enfim, já tinha passado, já estava estudando para o vestibular, e de 2009 para 2010, eu passei no vestibular em sexto lugar em percussão. E, logo no segundo semestre, eu descobri que tava grávida. Então é isso, deu uma atrapalhada entre aspas nos meus planos, né? E aí eu tive que parar alguns projetos, deixar de participar de algumas coisas e, inclusive, parei meus estudos da universidade quanto na EMAN, e dei uma pausa de quase dois anos de tudo assim. E aí, através dessa minha ex-professora, de Wênia, surgiu a ideia dela de montar As Calungas, que seria um grupo de percussão de batuque feminino, e aí ela me convidou. Então, eu tive lá desde o iníciozinho do projeto, desde o primeiro ensaio e tal, a gente se encontrou para fazer as fotos. Eu quase que fundei, assim, não fui

idealizadora do projeto, mas estou desde o início mesmo da primeira construção assim, musical, da coisa toda e, a princípio, o que motivou ela me convidar era que eu já vivia nesse movimento de batuques, né? Que já tinha evoluído bastante dentro de João Pessoa em 2005 até 2012, que foi quando As Calungas iniciou o trabalho. Então, já tinha passado pelo Pé de Elefante, pelo Maracaíba, pelo Círculo de Tambores, Baque Mulher, e foi bem depois, enfim já tinha passado vários grupos de percussão. E aí ela queria trazer um pouco dessa experiência da percussão popular, já que a formação dela é erudita. E as outras pessoas que ela tinha convidado, nem todas eram percussionistas, então precisava de um pouco desse pouquinho de conhecimento de cada uma que chegou para agregar, né? Então, geralmente cada pessoa vinha mais da vivência do choro, outra vinha da vivência de banda, outra vinha da música erudita, eu tinha o estudo erudito, mas na minha prática, era sempre percussão dentro das Calungas, como eu iniciei, e é meu instrumento mais antigo, assim digamos, sempre foi o Agbê, né? Na parte do Maracatu, desde a época do Maracaíba. Então, assim, sempre foi uma base de pesquisa, de estudo e dedicação maior a esse instrumento, então querendo ou não, tem uma certa, eu sou uma certa referência no instrumento aqui em João Pessoa, então, quando a gente decidiu montar esse formato de oficinas, e o bloco e tudo mais, a princípio, eu não queria muito me vincular essa parte do instrumento do agbê, porque sempre tudo que eu faço é sempre me chamando para fazer o agbê. Mas aí, no terceiro ano de bloco, eu migrei da alfaia, que era o instrumento que eu dava oficina, e fui para agbê por questão de ser um naipe muito volumoso e a pessoa que tava lá, que tinha sido uma das pessoas que tinha aprendido comigo e tal, muitos anos atrás, e foi uma indicação minha também para o grupo, ela não tava dando conta só do naipe, que era o maior que tinha nas oficinas. E aí como no naipe das alfaias tinha quatro professoras, então eu fui convidada a dar uma força no agbê. De lá para cá, não sei mais.

Morgana Morais: Como é que você ensina?

Rosicleide Carlos Lira: Como elas não têm aquela base teórica musical, que ajuda bastante na hora de repassar, então a gente vai vai pela metodologia da repetição, né? A gente utiliza oralidade, explica, exemplifica, faz com que elas cantem, que elas repitam, observem e repitam o que é feito, e a gente fica incansavelmente repetindo até elas, de fato, internalizarem aquilo e, de fato, aprenderem, né? Porque, no caso, o instrumento do agbê, ele é um instrumento muito de você internalizar o movimento dele e a gente trabalha com dança e tal. Eu costumo dizer que a dança e o instrumento são uma coisa só. Então, se a gente pensa que são duas coisas diferentes, fica bem mais difícil, mas o instrumento a gente tem que pensar nele como uma extensão do corpo, e é como se a gente tivesse dançando, e vou tocando assim, não é uma coisa ou outra.

Morgana Morais: Eu percebi que vocês usam muito o apito?

Rosicleide Carlos Lira: Sim, para indicar as mudanças para início de cada instrumento ou para uma mudança de evolução, enfim, ou no final de cada baque.

Morgana Morais: Como é que tu mostra o teu instrumento?

Rosicleide Carlos Lira: A gente se divide por naipes. Todo mundo faz um, na verdade. A gente faz uma apresentação primeiro de como vai ser o ritmo do dia, qual é o ritmo que a gente vai passar para elas, todo mundo toca junto, as oito, para mostrar a elas como é que vai soar, né? Qual é o ritmo que elas vão precisar aprender, e depois a gente divide

por naipe, e ali eu vou apresentando o instrumento, como é que segura, qual é a postura, quais são os movimentos. A gente alonga, passa a chamadinha. Na maioria das vezes, a gente usa a voz, a gente canta, solfeja o ritmo que a gente vai passar, e aí depois que a gente solfeja, elas elas seguem. Como, por exemplo, o movimento base do agbê, que é o que a gente utiliza na maioria dos ritmos, é o Piuí Tatá, então, quando elas internalizam que existe esse Piuí Tatá, automaticamente, quando eu digo assim: aqui é o Piuí Tatá, ela já se ligou qual é o movimento, então já vai diretamente para aqui.

Morgana Morais: Como é que tu lida com os diferentes níveis de aprendizado?

Rosicleide Carlos Lira: Então, existe uma troca natural entre elas, assim, as oficinas que a gente dá, é sempre para quem não tem experiência, então a gente tá sempre com didática pensando em quem não sabe nada. Então, as veteranas já sabem que de fato é esse posicionamento, então, o instrumento ele não é um instrumento tão fácil, então mesmo que a pessoa tenha vindo do ano anterior, muitas vezes, a pessoa ainda não conseguiu absorver 100% do repertório, e sem falar da pausa que a gente dá durante o ano para retomada das oficinas. Então, querendo ou não, todo mundo vai precisar recomeçar. O processo, ele tem algumas que já estão mais seguras do ano anterior, elas conseguem pegar mais rápido de novo lembrar as coisas mais rápidas, e aí, naturalmente, elas vão querendo ajudar as coleguinhas dentro da minha permissão dentro do naipe, porque existe também uma intervenção ali, porque, às vezes, no momento dessa ajudar, acaba atrapalhando um pouco a minha aula em si para passar as coisas delas. Às vezes sim, porque no primeiro mês, os dois primeiros meses é sempre mais difícil, porque é um naipe muito grande, são muitas mulheres. Então se todas elas falam qualquer coisa, se torna um som muito muito alto, que acaba atrapalhando, inclusive, a minha concentração na hora de passar, então, eu tenho que lidar um pouco com a minha fama de chata, assim, nos primeiros meses, para poder conseguir manter uma certa ordem e fazer com que elas consigam escutar a minha pessoa, né? Porque um dos maiores problemas que a gente tem é que tudo da gente conseguir que todos consigam me ouvir e consigam entender o que eu tô passando pela quantidade de pessoas. Então a gente procura fazer círculos, aí depois se o círculo não funciona, a gente tenta enfileirar elas de uma forma que fiquem menos distante de mim, para que todas consigam me ver e ouvir. porque é um naipe muito volumoso, muito numeroso e são muitos baques, são muitos passinhos, são muitas toques e é muito informação.

Morgana Morais: Para cada repertório é uma dança diferente?

Rosicleide Carlos Lira: Levada diferente também é no repertório. As alunas do meu naipe todas passam juntas, eu não distingo em relação a vivência de cada uma, elas se organizam da forma que achar melhor, eu só interfiro na hora quando eu vejo que tem alguma conversa paralela, eu vou lá feito tiazinha da escola e separo, mas, fora isso elas se organizam da forma como acharem melhor. E eu passo o conteúdo do dia agora antes disso, a gente sempre tem um grupo no WhatsApp, onde a gente se comunica durante a semana e eu sempre antecipo o ritmo que a gente vai trabalhar no domingo, então a gente tem uns vídeos gravados já no YouTube. A gente pega o ritmo, coloca lá e falo: Assistam o vídeo, no domingo a gente vai passar esse ritmo, deem uma ouvida para se familiarizar com o ritmo, e a gente vai trabalhar isso.

Faço aula extra, faça o vídeo, então, assim, tô sempre aberta. Tiração de dúvida, geralmente, no final da oficina ou em outros momentos no grupo, quando aparecem dúvidas, ou eu percebo uma dificuldade durante a oficina, ou mais tarde ou no outro dia, eu

faço um videozinho para mostrar de uma forma a mais, de uma outra forma do que tá lá no YouTube, de repente, uma forma mais que eu acho mais fácil delas conseguirem absorver aquele movimento, e aí elas ficam estudando durante a semana aquele videozinho, e já para o finalzinho do ano, que quando assim a gente precisa mais a gente se organiza em aulas extras e tudo mais dentro da necessidade.

Morgana Morais: Quais as principais dificuldades encontradas no grupo?

Rosicleide Carlos Lira: Eu acho que o maior problema que a gente tem no momento é gerenciar a quantidade de mulheres, assim, em relação de lidar com esse tanto de mulher e cada uma com a sua história. A gente tá meio assim com as oficinas, meio entreaberta, do tipo assim, com medo de também um milhão de pessoas, e a gente tá olhando assim sempre a quantidade de pessoas que estão escrevendo que a gente pensa assim, vou passar, já tá demais. A gente vai fechar, mas até então tá dentro da média do ano passado, e a gente até a média do ano passado, eu acho que a gente ainda não enlouquece. E aí, a gente mantém, mas assim, por exemplo, cada mulher chega com uma demanda, e assim, para a gente é muito difícil. É lidar com a demanda pessoal de cada uma aqui, muitas vezes, elas se colocam como se fosse obrigação nossa de lidar, isso é muito difícil, porque a gente não consegue explicar para pessoa que aquilo não é uma demanda nossa sem parecer que a gente tá tipo mandando a pessoa se virar, entende? Então, assim, a gente é vista como um grupo não só de percussão, mas um grupo. Como se diz? Não sei nomear, mas é um grupo de acolhimento, de trabalho social, assim, que a gente não se coloca nesse lugar, mas que a gente é vista dessa forma. A princípio, a nossa ideia é ensinar música. Claro que a gente sabe que faz muitas outras coisas dentro desse processo. Mas a gente não se coloca, sabe com essa função principal, porque, por exemplo, existe outros grupos que existe um bатуque, mas o bатуque não é o centro da coisa, né? Existe a reunião de mulheres, as prioridades, o feminismo, existe toda uma série de coisas que vem muito, muito antes do bатуque, a gente não. A gente é um grupo musical que ensina para mulheres, e essa é a nossa forma de contribuir, de empoderar mulheres. Mas, às vezes, a gente se sente muito cobrada em outras pautas, em outras coisas que a gente, de fato, não oferece nesse projeto, a gente oferece pessoalmente, assim. Acho que cada uma de nós tem uma luta específica, a gente soma em vários momentos e, enfim, em vários movimentos, mas não enquanto o grupo, assim, a gente não se coloca, mas a gente sente essa cobrança, sabe, do mundo externo sobre a gente, de que a gente seja assim ou que a gente seja, sabe? A gente já chegou a ser cobrada de ter um espaço para crianças, porque a gente é um grupo feminino e temos mães no grupo. A gente precisa dar um suporte para as mães, sendo que na nossa cabeça a gente não é um curso de percussão? Aí eu fico pensando: Nossa, quando esse povo se inscreve no curso, elas fazem isso porque, na verdade, as pessoas não veem a gente como um simples curso de percussão, né? Veem a gente como movimento de feminino, o movimento de mulheres para mulheres, e não deixa de ser, mas não nessa função. Acho que essa é a coisa que mais mexe com a gente nesse processo, é uma demanda bem complicada, fora a questão de inserir mesmo essas mulheres assim. Mas essa essa parte que mexe, pelo menos comigo, mexe muito porque a gente não é insensível ao ponto de não reconhecer a necessidade da outra, mas ao mesmo tempo a gente tem as nossas demandas pessoais, a gente não tem condições de gerir tudo, né? É o ponto de as pessoas também, não, às vezes eu sinto também que é um pouco a falta do reconhecimento, porque a gente cobra aquela taxa de inscrição, a gente não recebe nada para dar as aulas. Então, assim a gente tá doando aquele tempo durante quatro meses, cinco meses, todos os domingos, da nossa vida que a gente poderia estar com a família ou outra coisa... Tudo bem, é uma escolha nossa, sim, mas o mínimo que a gente espera é um pouco de

reconhecimento, de respeito, de consideração e elas ficam exigindo, tipo, horrores da gente, sabe, como se a gente fosse obrigada a fazer um milhão de coisas assim, e são coisas muito, assim, surreais, que a gente às vezes não acredita, ao ponto de as pessoas quererem que a gente modifique a estrutura do nosso curso para atender as pessoas, entendem? Então, assim, é um processo para mim, essa é a parte mais difícil de conscientizar as mulheres. Eu, desde 2005 que eu ensino agbê, mas era uma coisa do bem informal, direto pessoas que chegavam no batuque. E eu chegava junto, ensinava, repassava, que isso é bem natural dentro de grupos de percussão da tradição. Mas nas Calungas, eu me encontrei professora, assim, eu acho que nasci, na verdade, nasceu Monalisa a professora sim, né? Porque foi nas Calungas que, aos poucos, eu fui evoluindo assim em relação à minha visão de como me portar mesmo como professora, como autoridade daquele ambiente ali, querendo ou não, o professor, ele ali, naquele momento, ele é autoridade máxima da sala de aula, da oficina. Enfim, então eu achei que esse processo me empoderou bastante, porque me levou para um lugar que eu nunca imaginei, porque eu nunca imaginei: quero ser professora. E, de repente, eu tô lá e tô gostando. Não sei se seria a mesma coisa numa escola, mas dentro dessa ótica de música popular, enfim. Eu aprendo muito sobre a coisa de ensinar mesmo e aprendo muito sobre acolhimento, sobre sororidade, sobre compreender mais as pessoas e aceitar um pouco mais a dificuldade. No início, eu ficava em tempo de morrer quando eu via uma pessoa que não estava conseguindo acompanhar, e eu ficava surtada, tipo assim, né? Hoje são tipo 60 mulheres, 70 mulheres, no meu naipe, e eu consegui fazer com que eu não enlouquecesse com uma ou duas que não consegue, né assim. E, para mim, é tranquilo isso porque eu comecei a entender que cada pessoa tem o seu processo. E aí tanto eu respeitar esse processo, quanto fazer com que elas entendam que cada uma tem o seu processo, e não se comparar com uma colega, assim, porque existe também isso. Às vezes, a pessoa tá começando a aprender, aí vem uma colega desenrolando, se ver não conseguindo, muitas vezes, querem desistir e, algumas vezes, aconteceu já de eu sentir falta de alguém, porque nesse processo, sempre decoro o nome de todas. E aí senti falta de alguém e ir atrás da pessoa: Você ainda vem na chamada? Você ainda tem interesse em participar e tal? E aí a pessoa dizer: Não, porque eu tô desmotivada, não tô conseguindo, não sei quê, e durante essa conversa, esse papo, a pessoa voltar para a oficina, desfilar, e depois se sentir transformada com o processo, entendeu? Então, para mim, é bem fortalecedor esse processo.

Morgana Morais: O resumo de Mona sendo professora?

Rosicleide Carlos Lira: Então, a gente usa oralidade, tudo por imitação. A gente começa com alongamento, demonstra, alonga, chamada durante o alongamento, a gente se apresenta e se conhece um pouco ali, passa metodologia do dia, o ritmo do dia através da voz, de canto, movimentos, no caso, a dança, a gente passa os passinhos, depois a gente reúne passo com toque, e depois todo mundo para tocar junto, que é a parte que eu vejo que elas mais gostam, que é um momento que elas conseguem, de fato, entender porque ali o instrumento é só o preenchimento. E aí sempre precisa ter uma referência. Quando junta com o som do tambor, que é a nossa maior referência, elas conseguem, de fato, encaixar o som e desenrolar muitas vezes durante o ensaio do naipe. Às vezes, a gente não consegue um resultado tão bom, mas quando junta todo mundo, a coisa acontece.

ENTREVISTA 3 - Karla Maria da Silva

Nome artístico: Karla Maria

Instrumentos: Agogô e Ganzá

Karla Maria da Silva: Meu nome é Karla Maria da Silva, sou chefe do naipe do agogô e ganzá, hoje é 11 de setembro de 2023, comecei em Rio Doce - Olinda, né? Sou pernambucana, com Maracatu, Chuva de Prata, que era que tinha lá uma série no Rio Doce mesmo, lá na segunda etapa. E comecei a conhecer o Maracatu, comecei a participar do carnaval, aprender alfaia. O primeiro instrumento que eu tive contato foi alfaia. E aí comecei a me apresentar lá com os grupos de Maracatu, de ciranda, aí minha família veio para cá, para João Pessoa, depois eu vim atrás também, e procurei um canto que eu seguisse o meu estudo, né? Eu fiquei procurando e todo mundo indicou a UFPB, que tinha um Círculo de Tambores, na época, aí já estava no final da transição de círculo para Tambores da Lua, e cheguei nesse final, aí consegui aprender mais os outros instrumentos de percussão, né? Como o ganzá, o pandeiro, o agogô, através do Tambores da Lua, foi tudo de vivência de oficina de rua. Teve tipo carnaval, aquela brincadeira de carnaval lá em Olinda, né? E aqui foi junto com o pessoal mesmo, com Katiusca, na época quem estava regendo era Jairo, depois Jairo saiu, e Katiusca pegou a regência, e através de Katiusca que eu conheci As Calungas, e tava precisando de alguém no agogô. Não, no momento era alguém na alfaia, que era uma apresentação em Pilar, foi em 2014. Aí eu fui. Quer tocar? Bora! Me ensinou um pouquinho como é que era, e consegui acompanhar as Calungas no cortejo e tô até hoje. Fui entrando na oficina e eu já entrei como ajudante de chefe de naipe do agogô, que era Mel, depois Mel saiu, foi para outro naipe, e eu fiquei. Assumi junto com as meninas o naipe do agogô e ganzá, né? Então, até hoje, faz uns 10 anos.

Morgana Morais: Como é sua prática pedagógica no projeto As Calungas?

Karla Maria da Silva: Eu ensino, eu começo ensinar a elas assim, eu nem planejo uma aula, aquela aula assim meio que, né? Que a gente vê em alguns cursos, assim, eu chego e tento ensinar o mais fácil possível da minha vivência, passar minha vivência para elas como eu aprendi, de ouvido, tocando, já experimentando aquele contato com instrumento, né? Já ensinando aquele contato. E é bem assim, bem didático, juntando os toques, com a literatura e acontece a mágica, elas conseguem aprender assim. Eu fiz um curso, por imitação, uso alguns toques com a boca, né? Por exemplo o Maracatu: Que é que tu tem Zé? Que é que tu tem? O que que tu tem, Zé? Porque as sílabas, junto com toque, e também a dança, eu esqueci que é importante, que a dança ajuda bastante a versão, os passos.

Morgana Morais: Como você mostra seu instrumento para as alunas?

Karla Maria da Silva: É, primeiro a gente mostra o ritmo do dia que vai ser trabalhado, certo? Mostra o ritmo, o toque, e depois a gente separa os naipes, e vou mostrando também o que é o agogô, onde é o agudo, o grave a história do agogô, onde ele é usado nos terreiros e tal, aí faço essa vivência com elas e depois é mão na massa mesmo, tocar, botar um sonzinho também para ajudar. Boto na caixa de som para reproduzir umas referências, já que não tem os outros instrumentos, eu uso os próprios vídeos das Calungas, boto no sonzinho, a gente acompanha para ter aquela referência, aí ensino em cada aula. Isso já foi um método novo, né? Que antes era só na boca mesmo, né? Mando elas aprenderem em casa, e agora tá mais fácil com esse som que foi elas mesmo que ajudaram, fizeram a

cotinha e compraram um sonzinho e um microfone, né? Porque ajuda bastante na hora de dar aula.

Morgana Morais: Como é que você lida com a heterogeneidade dentro do grupo?

Karla Maria da Silva: A que sabe menos, eu tenho mais dedicação, e sempre ficam ajudantes, né? Tem sempre duas, fica a chefe, tipo a mais antiga, e a outra ajudante, né? Aí quando eu tô com alguma dificuldade, tem muita, ela vai, me ajuda, tem dificuldade eu fico com as que tem e divide, entendeu? Eu ensino a escrever a pulsação, fazer uma colinha também, fazer com as didáticas que com as palavras, né? Tem pessoas que não conseguem pegar de ouvido, aí eu boto mais a com as letras, tipo, fazer o mais fácil possível. Acho que o agogô e o ganzá, elas acham que justamente ser leve, é mais simples de se passar do que os outros, menos complexo do que os outros, é mais fácil... Vou mostrando como é que toca, eu mostro a elas quando se toca. E aí eu vou fazer pela repetição, aí que tem dificuldade, eu mando o vídeo pelo WhatsApp, ou ,às vezes, eu encontro particular, marco uma aula, hora extra, porque o tempo é corrido, né? Não dá para dar atenção a todas, mas uma vez, quando é duas, uma fica com dificuldade e outra vai fazendo, vai seguindo. O resto do ensaio é porque só um dia, é porque cada domingo é um ritmo, aí tem que ser trabalhado, tem gente que vem com dúvida, não aprendeu, e digo: agora não é tempo, não, hoje é só esse ritmo só, olha agora.

Morgana Morais: Quais são as etapas da oficina?

Karla Maria da Silva: Primeiro faz a roda para nos apresentarmos, né? Principalmente, quando está no início tem um alongamento que é muito importante, que a gente, além de mexer os braços, tem as pernas também, que a gente dança, e depois reproduzo o ritmo que você trabalhou, mostramos a elas e fazemos elas repetirem também. Aí fica repetindo até aprender, é uma hora, duas horas no mesmo ritmo, até pegar. Dá certo, umas pegam, e outras já têm mais dificuldade, mas eu acho que com dedicação em casa, né? Graças a Deus, tem a internet, têm uns vídeos, dá para acompanhar ou tem aula extra também, assim, a minha didática é bem simples. Eu não tenho uma formação, Cássia me ajudou muito porque ela já vem já da academia, né? Já vem aqui de música, tem uma didática diferente que ela aprendeu lá, e ela sabe como tem, por exemplo, eu não sei ler uma partitura, essas coisas profundas, aí eu vou de ouvido mesmo, de boca, mas é corporal, é eu sentindo, né? Eu acho que eu sou a que veio do gueto de todas elas. Tu aprendeu aonde? Rapaz, na vivência! No gosto, no amor também pelo instrumento, tem que gostar, além de você passar, tem que gostar, se você não gostar do que você tá fazendo, você não vai conseguir ensinar, fica meio que osmose mesmo aquela repetição, aquele gosto. Você acaba pegando, querendo praticar.

Morgana Morais: Quais são os ritmos trabalhados durante a oficina?

Karla Maria da Silva: Rapaz, que a gente trabalha tem o caboclinho, tem o maracatu baque de aruenda, samba reggae, ijexá, aí cada ritmo... A gente antes começava por ele, agora já começa a ficar mais difícil, maracatu é mais complexo, aí tem um domingo aí, vai

descendo o baque, que depois vai vir ciranda, vai ver um ritmo novo também. Tem dificuldade realmente. Tem uma aluna minha mesmo que ela disse que não gravou, não. Aprendeu, mas naquele momento ela conseguiu tocar, deu certo, mas depois, por não ter prática de ensaiar, ela esqueceu, e acabam voltando elas. E cada domingo é um ritmo diferente.

Morgana Morais: O que as alunas aprendem além da música?

Karla Maria da Silva: Como é que posso dizer? A satisfação de aprender uma percussão, né? Porque antes a percussão, ela era um... Como é que se diz? Totalmente masculino, né? Um ambiente, assim, totalmente masculino, e foi há pouco tempo que as mulheres estão se capacitando, estão aprendendo, estão tocando. Eu acho que elas saem renovadas assim, né? Porque as pessoas não tinham ritmo. “Ah, não sei tocar”, e acabam aprendendo, tocar em outras bandas, eu acho que o que passa para elas é um empoderamento, né? Aquela capacidade, né? Eu sei tocar também, é um universo que não é só masculino, é feminino também.

Morgana Morais: O que é que você aprende dando aulas para essas mulheres?

Karla Maria da Silva: Que é uma missão, eu me sinto numa missão de vida assim, contar um propósito, passando meu conhecimento, eu aprendo ensinando, que eu também não sei que você é 100%, eu sempre penso ensinando a elas também, aí eu sinto sempre que para mim é sempre produtivo também.

ENTREVISTA 4 - Juliana Ribeiro Barros

Instrumento: Alfaia

Juliana Ribeiro Barros: Meu nome é Juliana Ribeiro Barros, sou percussionista das Calungas, sou professora das alfaias e hoje é 11 de setembro de 2023, dia do meu aniversário. Meu contato com música começou criança, no interior. O marido da minha tia era mais uma banda de música que só tinha alunos homens. E eu, desde pirralha, queria tocar alguma coisa, e ele deixou, eu fui a única mulher que ele deixou, e me deu uma aula de teoria, que eu não entendia nada naquela época, até porque eu também tenho TDAH, e não entendi direito, mas eu era louca por aquele universo, tanto é que ele deixou eu ficar lá no meio dos meninos para ser a primeira aluna, e me lembro que a aula era de clave de sol, ele botou uma clave e disse quais eram as notas. Não me lembro de ter assimilado muito bem aquilo e fiquei tocando, fiquei ali perto deles vivenciando aquilo, sem tocar na prática, e tive essa noção de música primeiro. Vim para João Pessoa com 15 anos, fazer o primeiro ano científico, eu era de Serra Branca, no interior da Paraíba, e foi lá essa vivência com o Maestro Joca Lobo, que agora ele já é falecido. Inclusive, é homenageado lá como um maestro de banda de lá da cidade, e ele foi o primeiro professor, vamos dizer, que me deu essa oportunidade, me mostrou música de uma forma teórica, aquela forma de... Né? Como é teórica, não é, clássica... Clássica não, erudita, né? E mesmo assim, tem aquele entendimento, ficou alguma coisa em mim, aquele desejo, e foi muito bom ele ter me colocado naquele universo masculino, só uma mulher, e ele mesmo já era antigo, machista como todos, mas me colocou lá, né? E cheguei aqui com 15 anos, fui fazer primeiro

científico e na escola mesmo ficava batucando, pegava um violão, tocava três músicas decorada que eu tinha aprendido sozinha no livrinho de cifra, tudo por curiosidade. Com 16 anos, entrei no Departamento de Música para fazer o curso de extensão. Passei seis meses tendo teoria. Meu primeiro professor era gringo, e eu passei um tempão chamando colcheia de coltheia, porque eu achava que eu não era com tcheia. Mas é porque o professor é gringo. Eu entendia e não entendia nada, ao mesmo tempo, e isso eu atribuo ao meu TDAH, sobre a academia, nem a forma deles ensinarem, e fui para sala de percussão aprender percussão. Tinha Chiquinho, que era o professor, já me jogou para ensaiar com a metalmofose, era metade da metalúrgica Filipéia, que é uma orquestra conhecidíssima aqui de grandes músicos do departamento, e me jogou lá. Eu, intuitivamente, toquei um pouquinho, mas não sabia, eu sabia que eu não sabia ler aquilo direito, que não era uma coisa consciente, mas intuitivamente Eu consegui fazer uma apresentação no SESC com a metalmofose e outra em outro lugar e tal. Passei no vestibular para educação artística, e isso os horários eram muito difíceis, tive que abandonar o curso de extensão que estava indo super bem. Abandonei, vim para educação artística, passei bem dez anos para terminar o curso, não me interessei muito, não acredito ter aprendido tanto, não ter usufruído tanto. Passei em 2012, eu entrei na EEMAN e disse: vou resgatar isso. Entrei na EEMAN e fui estudar percussão sinfônica. Cheguei lá, encontrei com a professora Wênia Xavier na primeira aula, e na segunda ela já disse: eu tô montando um grupo só de mulher que se chama Calungas, você não quer participar? Eu estava lá no primeiro dia, segunda semana, sei lá uma coisa assim, e ela me trouxe. Eu nunca tinha tocado alfaia, não era o que ela que me ensinava lá na EEMAN, que era percussão sinfônica, mas mesmo assim eu vim, comprei uma alfaia, nunca tinha tocado, não sabia nem o que era, nem como pegava, e foi olhando Priscila tocar, por que Wênia era minha professora, mas era caixa, só tinha nós mesmos ali, ainda não dava oficina, foi em 2014 que entrei, e já fui direto com a apresentação assim, lá em Pilar. Depois, tocando instintivamente e tal, inclusive, foi meio polêmica uma das primeiras passagens que eu fui, porque assim, eu cheguei para aprender e fui convidada, e quando eu cheguei tinha um monte de pessoas já na cena da percussão, inclusive, minha professora, e eu achei que só tava tocando quatro ritmos, diziam: Como assim você está tocando só isso? Um monte de professora. Isso gerou um mal estar assim na hora, né? Ela tá dizendo que não tá tocando nada. Chegou agora, tipo assim, bastidores. Tá, mas eu provoquei, eu lembro que eu disse como a minha professora, só ta tocando coco, ciranda e mais dois ritmos? E elas começaram esse movimento em 2015 logo de puxar mais mulheres, de querer mais mulheres no universo da percussão, que só tinha homens, e só tinha elas, e vamos puxar mais, vamos ensinar outras mulheres, e foram dizendo. Vamos fazer, vamos ensinar antes disso. Nós nos reunimos e cada uma foi pesquisar um ritmo, e disse: cada uma traga aqui um ritmo e um arranjo para a gente aumentar esse repertório e cada uma ensina para a outra, ok? Pesquisou o que o grupo sempre pesquisou também os ritmos que a gente propõe, que é da cultura popular. Então acho que eu tô me alongando, né, mas foi basicamente isso que a partir dessas oficinas internas nós construímos uma cadeia de ritmos.

Morgana Morais: Então quer dizer que você foi praticamente uma das precursoras das Calungas?

Juliana Ribeiro Barros: Não, as fundadoras são Priscila Fernandes, Katiusca Lamara e Wênia Xavier. Elas fundaram As Calungas em 2012, e já tinham vários modelos, eram

palco, tinha sopro de instrumento de cordas, e depois a gente foi pegando um modelo, e foram saindo pessoas, entrando. A gente foi moldando, e chegou a um consenso que seria só um grupo de percussão e voz. Entendeu? Para deixar esse firmado que seria um grupo basicamente de percussão e voz, a gente foi fazendo essas oficinas cada uma trazendo um arranjo percussivo, ensinando as outras, pra gente montar essa cadeia de ritmos, e aí promover as oficinas.

Morgana Morais: Como é que você ensina as mulheres nas práticas pedagógicas nas Calungas? Como é a sua didática?

Juliana Ribeiro Barros: É muito do que eu aprendi assim com Wênia nas aulas de caixa, mas tem muito intuitivo, tem muito dessa minha dificuldade que eu tenho déficit de atenção, eu tenho ansiedade, já tenho tudo, e para eu aprender, para que eu pudesse assimilar aquela sequência de ritmo que a gente mesmo inventou, aquele monte de arranjo. aquele monte de coisa, eu com TDAH, o que aconteceu, eu tenho que ver a forma que eu decoro, a forma que seria mais prática para mim. Então eu escrevia o D, o E, eu aprendi também com Wênia lá em uma das aulas que ela usava chocolate e pão para algumas células. Então eu peguei isso para mim, então invento frases também, foi um grande aprendizado, me ajudou muito isso, então eu uso essa didática também, uso até hoje, facilita muito. Uso muito essa questão, eu faço um mapa, que isso eu digo que é uma coisa que não é que eu inventei, mas que é um mapa que ele não tem o ritmo no mapa, é só uma indicação, chama mapinha de manipulação, é uma indicação que eu botei para ajudar na minha memória visual, tá ligada? Por eu ter TDAH, eu dizia: não adianta só eu decorar aquele som e colocar, eu quero ver alguma coisa que eu decoro aquele D, aquele E, uma memória visual, então eu fiz um mapinha, que eu chamo mapinha de manipulação que qualquer pessoa que ler música e não sei o quê, não vai saber o que é que tem ali, porque não tem notas, não tem valores ali, mas tem a manipulação D. Aí bota os três pontinhos E D E D D, tipo Maracatu, E D E D D ou então se eu tô ensinando o ijexá, eu coloco E D E D mas eu também coloco café a sílaba CA - FÉ, o acento não é do jeito que eu falo café. Então, atribuo palavras também, é assim como cantadas da minha música hoje é café. Café, café, lá de Catolé, e onde tem o acento no português, tem no instrumento, então do mesmo jeito você decora “Parabéns para você,” mesmo sem ter noção nenhuma de música. Todo mundo sabe cantar parabéns e canta no ritmo, mesmo sendo descoordenado, não é? Mesmo tendo problema de coordenação, a pessoa canta parabéns bem direitinho, desde bebê, não é? Então, eu aposto nisso, que a pessoa vai decorar minha letrinha da minha musiquinha pobre, minha musiquinha pobre é só café. Café que vira parabéns para você, e a pessoa se decorou minha musiquinha vai colocar lá no instrumento. Se for do sentido da pessoa, porque eu quero usar todos os sentidos, mas isso tudo intuitivo, pegando alguns ganchos desses mestres e me virando. Mas eu acredito que se eu não tivesse TDAH, eu não ia ter tanto cuidado também fazer bem direitinho, porque isso isso me ajudou a decorar para eu conseguir dar aula, então acredito que a pessoa que está recebendo aula também, que era outra coisa que eu queria dizer, é o meu método, assim, que cada uma se vira com essa didática própria, mas As Calungas já têm um norte, de dizer assim. Ó, nós vamos fazer, vocês vão observar e vão reproduzir. Entendeu? Então essas nossas oficinas dão muito

certo, tem muito a ver. Por isso, porque assim... Olhou que a gente tocou. Decorou assimilou, entendeu? Reproduziu, com mímica com A BB, DD. com um. dois. três, com musiquinha, com palmas, com corpo, com todos os recursos. Nada meu aqui da academia. E eu sou formada em licenciatura em educação artística com habilitação em música na UFPB, mas aí eu me formei na EEMAN percussão erudita, técnico, né?

Morgana Morais: Certo, aí no caso, como é que você mostra o teu instrumento para as alunas? Isolado?

Juliana Ribeiro Barros: O começo a gente faz uma apresentação daquele ritmo, cada domingo tem um ritmo, e esses ritmos vão se acumulando. Tipo, a gente dá Maracatu hoje, no outro domingo, a gente dá sequência daquele Maracatu. Depois aquele, depois o Ijexá depois aquele outro ritmo, e todos a gente dá naquela aula a introdução do ritmo do dia, e a evolução no outro domingo dá outro ritmo, para aquelas alunas no final, nós trocamos um ritmo anterior, o ritmo daquele dia, na terceira oficina, ritmo novo com sua introdução só a evolução final Acabou tudo, junta, e a gente vai construindo a teia, de evoluções, de introduções de ritmos que vai dar exatamente no nosso bloco de carnaval, a gente já tem esse pensamento de, juntando essas aulas, linkando para no final todo mundo já ter aquela na sua cabeça internalizada aquela sequência que vai ser tocada na avenida, que é o projeto final. Assim que a gente chega, a gente demonstra o ritmo, todas as oito tocando o ritmo que vai ser passado naquele dia, assim que a gente faz isso, separam-se os naipes. Cada professora, duas professoras, levam a sua turma, se separam, e cada uma dá o que aquele instrumento vai, o que vai ser naquele dia daquele instrumento, com tudo, com apito com o tempo, no final, junta todos os naipes e passa. Tudo que junta, tudo e passa todo mundo, então, meu instrumento eu mostro assim, assim que chega eu mostro como coloca o instrumento, de que ele é feito, como pega na baqueta, como evitar ter dor no pescoço, como alongar antes, a forma de andar e tocar, porque alfaia em um bloco de carnaval para a gente tocar, a gente tem que tocar em movimento, sabe? E a gente tem muito pouco tempo para fazer isso, muito pouco tempo, e acredito que a gente também tem hora que a gente exagera muito, dá muita informação, mas tem dez anos que dá certo, então a gente quer deixar. A hora que a gente diz: nossa, tão vindo cada ano mais mulheres, tem pessoas com mais idade... Mas sempre teve, e sempre conseguiram, então, vamos continuar, sabe? Só que o que é que tá acontecendo: Muita mulher, muita gente tá diminuindo o tempo que a gente tem de atenção, por exemplo, antes, eu tinha dez tambores para ensinar direitinho em 30 minutos, 40 minutos naquele dia. Agora eu tenho que dar aula para 100 mulheres.

Morgana Morais: Como é que você lida com a heterogeneidade dentro do grupo?

Juliana Ribeiro Barros: Eu acho assim, Morgana, tipo é como todo professor passa, saindo da academia, tendo todo o preparo que tem, dá de cara na escola pública com diversos níveis de alunos, de diversas formas de classes e vivências, e a gente tem que lidar. Como a gente vai para academia e ver todo mundo também diferente de formas e humores e percepções é a mesma coisa. E, intuitivamente, assim, na raça mesmo como se fala, é que a gente foi tentando ver isso. Eu fui aprendendo a minha prática escolar, foi essa, foi dando de cara com aquele desafio naquela hora. Nossa, sim, porque quem eu tô

vendo que já pegou ali, que tá entendendo aquele gesto ali, já nos ajudam, ajudam umas, ajudam as outras, a gente conta muito com isso, e eu peço muito porque as pessoas entram e continuam, e cada ano elas vão melhorando. Um ano fica aquela tensão: Ai meu Deus, que mão eu toco? Aí no outro ano a pessoa já lembrou daquele jeito, mas já toca melhor. No outro ano a pessoa já tá dando show. E quando vai chegando uma companheira que elas viram a dificuldade que tiveram, elas mesmas correm, vão ajudar, sabe? Isso me ajuda muito. Em compensação, essa parte aí de perceber, tem que ficar é na hora. Acho que como todo professor, ele fica uma dificuldade ali um e outro e tenta se virar, né? A gente tem no preparo. Não, eu nunca tive esse tipo de preparo assim como muitos professores não têm e são exigidos, né? É um trabalho gratuito que eu faço, mas assim, os professores que são remunerados e passam pela mesma coisa e são mal remunerados, chegam na sala de aula sem preparo e tem que lidar com essas dificuldade, sabe? É mostrar para elas que também existe um ritmo ali completo, mas existe uma base do ritmo, existe um alicerce, cada ritmo, por exemplo, se eu tô vendo que aquela pessoa depois da aula não conseguiu, eu insisto nela a fazer a coisa toda, mas eu vejo que tá complicado. O que é que eu quero deixar ela? Eu quero deixar que ela fique inclusa, que ela toque realmente, que ela tenha uma noção de música assim, que ela não esteja ali como figurante, mas que toda música tem o alicerce a base, por exemplo, Ijexá A gente passa em gente assim: café, café, lá de Catolé, café, café café, Catolé, é uma célula que a gente criou um arranjo para tocar o Ijexá, é um Ijexá. Mas se eu pego essa aluna e só coloco para ela café, café, ela tá incluída naquele ritmo, ela está fazendo o ritmo de Ijexá, inclusive, o original, a base. É assim como o coco, tem diversos sotaques e diversas influências de várias comunidades. A base do coco é o quê? TA TA TA TA TA TA, é o quê? Então eu posso fazer? Mas se eu souber a base, ela tá inclusa, ela não tá achando que tá lá de figuração, ela vai estar tocando, o corpo dela vai estar em movimento e ela vai estar fazendo o ritmo. As Calungas têm um canal no Youtube, e a gente tem videoaulas gravadas de cada naipe, de cada instrumento, de todos os ritmos, de todas as evoluções. Então é só aluna ir lá, tanto tem o vídeo da gente tocando a sequência todinha daquele bloco, um de todos os emendados com evoluções, com tudo a que gente tem, também um vídeo só eu tocando introdução da alfaia e aparecendo lá D D, a manipulação. Não está assim todos os naipes, mas tem o canal no YouTube, todos os naipes têm de acordo com cada didática de cada professora seu videozinho lá. Então dá para ter aula mesmo em casa, e mesmo quem não faça parte pela rede social.

Morgana Morais: Quais os ritmos trabalhados?

Juliana Ribeiro Barros: Todo mundo atribui As Calungas a um grupo de Maracatu, e não, é um grupo de percussão, que, por acaso, mas todo mundo apresenta a gente como um grupo de Maracatu, e não é. Nós ensinamos caboclinho, que é um ritmo, o baque da aruenda, que é um baque de Maracatu super antigo aqui de Pitimbu, tem mais de 200 anos. A gente tem um baque que é o deles, botou uma viradinha, inclusive, pedi autorização ao Mestre que hoje a gente pode usar essa, viradinha para não tirar do baque original. Ijexá, ciranda, coco, cacuriá, maracatu, samba reggae, samba duro, funk, maculelê. Então, é um grupo, é a cultura popular até o dia do bloco. Correria e muito aperreio. Tem hora que a

gente dá umas aulas durante a semana assim, de urgência, para deixar uma coisa bonita, se não tiver tempo. É assim que a gente faz nesses dez anos, a gente se vira assim.

Morgana Morais: No caso, eu perguntei aqui como você lida com a dificuldade das alunas que demora a lançar, já falou, né? Quais são as principais dificuldades encontradas no grupo e como você lida e como soluciona quando encontra dificuldades assim?

Juliana Ribeiro Barros: No nosso grupo, assim, além de ser oito mulheres, cada uma tem sua demanda pessoal, a gente tem muita dificuldade de tempo para se ver para isso no grupo das Calungas. Na oficina, somos oito para planejar isso tudo, já é difícil. É difícil marcar um dia de ensaio com oito mulheres com filhos, com suas demandas, com seus empregos, é muito difícil, fora que são muito percussionistas que tocam em outras bandas, então você sabe a vida.

Morgana Morais: E na oficina, qual a maior dificuldade?

Juliana Ribeiro Barros: Pontualidade, algumas dificuldades de compreensão, assim, sobre o nosso trabalho. Às vezes, as pessoas acham que a gente tá devendo, e assim, deixando a desejar em alguma coisa, tipo assim, a gente não tá acolhendo toda a parte que envolve o universo feminino. Como as mães que vêm com filhos, e a gente não tem como, um local... E a gente é um grupo só de mulheres, a gente só conseguiu aqui, que é a UFPB e dia de domingo. As mulheres reclamam que não têm banheiros, e a gente sabe disso, a gente luta há dez anos para ter banheiro, deixando um departamento desse aberto para a gente poder ir no banheiro, e não tem, então, são cobranças que vem pra gente que dói muito, e que a gente tenta resolver, e que nós somos mulheres também. Os argumentos assim: a gente menstrua, a gente tem filho... E nós oito somos mulheres, menstruamos, temos filhos. Ai, vocês podiam fazer uma corrente para umas olharem nossos filhos, também estão ali, alguém cuidando para poder dar aula de forma gratuita, vamos ter um pouco também de consciência, né? Mas são essas dificuldades, isso é muito pouco. Tá, eu tô colocando que você tá fazendo a pesquisa a fundo de dificuldades. Você tá perguntando de coisas que desmotivam, que às vezes dá na gente, assim é esse tipo de coisa assim. Parece que quando é gratuito, quando é voluntário, parece que não existe o devido valor muitas vezes assim, né? Já basta a nossa classe de música de artista. Você é tão desvalorizado, às vezes. São muito poucas pessoas beneficiadas que entendem isso, assim de uma forma, e rola uma cobrança meio injusta, meio que tira um pouco da nossa energia. Mas, em compensação, de duas, três, que faz isso, vem duzentas, que fortalece, que chega junto, que ajuda o recorde de pessoas inscritas, 270. Não é nada inscrito neste ano, por exemplo, as inscrições vão se encerrar agora, 15 de setembro, eu já tenho mais de 100 mulheres inscritas pro tambor, entendeu? Para duas professoras, eu e Mel Vinagre.

Morgana Morais: O que as alunas aprendem além da música?

Juliana Ribeiro Barros: Ah, são tantos depoimentos Morgana, é isso que dá o gás, sério, que quebra a gente, é bom demais. Tanto de relatos de melhora da autoestima, como de coordenação motora, como de felicidade, como mudança no casamento, como forma de se alimentar.

Tem mulher que chega e diz: tô tão bonita que eu não tô me aguentando! Entendeu? Então, é uma injeção de ânimo das pessoas, tem gente que usa essa música, rosto frustrado, que sempre quis, e acho que não podia, viu um monte de mulher tocando, já chama as amigas já tem a mulher do prédio tudinho tocando. Não tem isso, e elas colocam isso pra gente, elas nos presenteiam. Elas dão relatos assim de vida, elas tornam a gente amiga delas, elas desabafam coisas que não falam para os filhos, que não falam para as mães naquele momento, mas falam para a gente. Vira uma irmandade, é um negócio tão significativo, tão maravilhoso, e único, e por isso o povo diz que ainda não ganha dinheiro. “Como é que vocês estão há dez anos e ninguém vem patrocinar vocês até hoje?” A gente já tentou, mas ninguém veio, e é melhor porque a gente também não quer patrocínio de política, a gente não quer tá no palanque de ninguém. A gente quer fazer esse trabalho como a gente fez até hoje, esse ano, no ano passado, a gente cobrou R\$10, esse ano tá cobrando R\$30, só para a inscrição. São 19 oficinas, ou seja, a hora aula, por cabeça, não vai dar nem 0,15 centavos para cada aluna dessa pagando esses R\$ 30. A gente ainda fez uma cota social, pedindo um quilo de alimento, e vai ser doado para Casa Pequeno Davi esse ano, então a gente tá tentando também nos ajudar e continuar ajudando, sabe? Mas chegou no ponto que são muitas mulheres, e nós mesmos, as professoras, não têm a gasolina de vim dar aula.

Morgana Morais: Aí, falando nisso, para a gente finalizar, o que que você aprende dando aula nas oficinas? Qual aprendizado você leva para a sua vida mesmo nessa prática em conjunto?

Juliana Ribeiro Barros: Entrei em 2014, né? Vamos fazer 10 anos. Vou te dizer, Morgana, eu acho que essa foi a pergunta mais importante dessa tua pesquisa todinha, para mim, porque eu achava que eu não tinha jeito, sei lá, para dar aula. Eu fiz a faculdade todinha dizendo aos meus professores: Vocês nunca vão me ver na sala de aula, eu não vou dar aula... Tanto é que eu nunca fui para a sala de aula convencional. E, nas Calungas, eu cheguei, Priscila era chefe de naípe, eu era. Repetia tudo que Priscilla falava baixinho, aí minha voz é mais alta, ela falava mais alto, e teve a necessidade da saída das integrantes, Priscila, e assumir o naípe das caixas, eu fiquei com a bomba. Saiu uma professora ali. A outra: tem que ir, mas não sei, tem que aprender antes de começar a dar aula, porque você vai ser a chefe de naípe. Foi isso, e nesse negócio de ter que dar aula no pau, na tora, me ensinou a dar aula, as alunas me ensinaram a dar aula. E, outra, pelo meu jeito de ser, que eu sempre fui pelo TDAH e pelas minha inseguranças, nunca imaginei que eu fosse dar aula, até hoje eu tenho medo quando alguém me chama, responde assim: Juliana, tu dá conta com alunas de carnaval, ensinando, como é que deixa a desejar em alguma coisa? Aí eu: não sei, eu não sei tocar. Ter que dar aula me ensinou a dar aula, me ensinou a ter segurança, me deixou mais concentrada, eu lido melhor com o meu TDAH, porque eu tenho que estar ali, eu sou referência naquela área, eu não posso dispersar naquele momento. Minha dificuldade também me ensinou a entender a pessoa que tem mais dificuldade, né? Então, é isso, assim, para mim, salvo... Salvou minha vida, me deu um norte de trabalho, me deixou me sentir segura, sabe, como dizer: p****, isso daí, isso tudinho, para ficar insegura nisso, eu sei, eu sei. Então, minhas alunas, eu atribuo isso a essas Calungas, a esse tipo de prática, a essa forma mesmo, louca, arrumada e com muita

didática, com muito planejamento, com muita pesquisa, mas assim intuitiva, sabe? Orgânica.

Morgana Morais: Resumo, como é Juliana dando aula para as Calungas?

Juliana Ribeiro Barros: Aparentemente com a cara fechada, muito chata, as alunas ficam morrendo de medo quando chegam, aí eu já digo a elas que é a minha cara, que todo mundo para na rua pensando que eu estou com raiva. Mas eu fico muito concentrada por causa desse meu problema de TDAH, eu fico muito séria. Ao mesmo tempo, é muito da minha natureza tirar onda e fazer piada do carão. Muitas falando que eu sou brava e depois dizem que ela não é braba, está ligado? Mas eu sou muito caxias sabe, programada, virginiana. Virginiana perfeccionista, e para o meu cérebro funcionar direitinho, eu preciso que todo mundo esteja fazendo aquilo direitinho. Eu fico só filmando mesmo, vendo, tem hora que eu fico olhando os vídeos que o povo bota: aí, meu Deus, minha gente, eu estou com uma cara tão feia, está certo? Tem umas que aprendem depois que eu falo bem sério, que se eu ficar brincando ela não entende. Tem umas que se eu brincar é que elas entendem.

ENTREVISTA 5 - Rita de Cássia de Brito Guimarães

Nome artístico: Cássia Guimarães

Instrumento: Agogô e Ganzá

Rita de Cássia: Sou Rita de Cássia de Brito Guimarães, tenho 28 anos, hoje é 11 de setembro de 2023, meu instrumento no grupo é agogô e ganzá. Eu comecei na música assim, na igreja, né? Depois eu fui estudar no Instituto Federal (IFPB), estudei lá violoncelo, e de lá parti para o canto, estudando popular. No grupo, especificamente, entrar no grupo de música de batuque, digamos assim, de batuque de mulheres, sempre foi uma coisa que me encantou, né? Mas eu comecei tudo no Baque Mulher. Essa coisa da rua, do batuque, foi no Baque Mulher, que é um grupo que iniciou aqui desde 2017, né? E cheguei aqui nas Calungas a partir de um convite de Bia. As Calungas é um grupo muito cíclico, né? E aí, quando ocorreu esse convite, eu abracei. Então, a partir dessa vivência, né de batuque de rua, já desde o Baque Mulher, né? Eu sempre tive um ritmo muito forte assim, desde criança, eu sempre tive essa facilidade, sei lá, fazer batuques com a rítmica, eu sinto isso desde criança, então assim, não fiz aula nunca. Foi tudo muito natural, de mim mesma.

Morgana Morais: Como você ensina?

Rita de Cássia: Então, primeiro, eu tô no grupo recentemente, né? Sou a mais nova no grupo. Então, eu precisei aprender todos os ritmos que é oferecido nas oficinas antes para eu saber como desenvolver com elas, então, inicialmente eu observei Carlinha, chefe de naipe do agogô e do ganzá, e eu tô ali, tô auxiliando. Então, fui vendo como era o processo de ensino dela, mas como eu tenho formação também em música, na licenciatura, eu acho que eu também dou uma incrementada um pouco mais, nesse sentido. Mas, o que funciona muito, não tem outro caminho, é o lance da repetição, da imitação exatamente, e é o que acontece muito no batuque de rua.

Morgana Morais: Como é que tu mostra o instrumento?

Rita de Cássia: Assim, para não ser uma coisa muito jogada, falando de mim, de forma particular, e é o que eu proponho também, sabe, para Carlinha, a gente se organiza, se articula, eu e ela, para a gente tentar construir uma sistematização, assim, não é sistematização, mas assim, ter um roteiro, né? Então, a gente fala um pouco do instrumento do contexto histórico, a gente fala o que é, aí a gente mostra isoladamente os sons. Primeiro que o que acontece no antes da gente, antes de separar os naipes, na verdade é feito uma mostra do ritmo inteiro, então é com todos os instrumentos, aí depois isola todos os naipes, e aí a gente mostra o instrumento separadamente. Aí a gente faz isso, contexto histórico, mostra a sonoridade, no caso do agogô, e que a gente, particularmente, ganzá e agogô, a gente mostra separadamente no agogô, que é específico, tem o som grave ou som agudo, né? Então a gente mostra isoladamente.

Morgana Morais: Como é que você lida com a heterogeneidade do grupo?

Rita de Cássia: O naipe da gente tem uma coisa muito interessante que eu acho que é o naipe que tem mais diversidade de idade, porque pega de adolescente, até gente muito idoso, aí tem gente com 70 anos no naipe da gente. Então, por ser um instrumento levinho, relativamente tranquilo de tocar, tem essa faixa toda de idade e, assim, é muito pela observação, né? A gente faz meio que o geralzão, e quando percebe que tem gente com muita dificuldade, a gente chega junto, assim, de forma mais particular, e vai de frente a frente com a aluna mostrando como se toca o instrumento. Dá certo e acontece um processo interessante, é que no início das oficinas existe uma dificuldade generalizada, e a medida, por mais que sejam acumulativos os ritmos, né? Cada domingo é um ritmo diferente, o que eu percebo, assim, particularmente é que existe uma... É como fosse construir uma facilidade, é como se elas fossem absorvendo, assim é mais rápido, o processo começa a ser mais rápido a cada aula, Só que a gente passa no geralzão todo mundo junto, né? Mas assim, a gente não volta para o ritmo anterior é sempre cada domingo um ritmo diferente, mas acaba que como tem a repetição, todo mundo tocando junto no final da oficina, depois que junta todos os naipes, aí vai fixando. Sempre vai existir gente com muita dificuldade, o que a gente faz é tentar, tipo assim, enxugar o máximo a célula rítmica, sabe, se determinado ritmo tem lá a variação que a gente faz, se a gente vê que a aluna tá com muita dificuldade, a gente pede, por exemplo, para marcar o pulso, só marcar a rítmica, que é evidente.

Morgana Morais: Quais são as etapas didáticas das Calungas?

Rita de Cássia: A didática, no caso do naipe da gente, é isso, assim, eu não sei se era uma coisa que já existia, mas, sim sobre a didática, alongamento é fundamental, senão todo mundo fica com lesão, então a gente começa pelo alongamento. E eu não sei se isso rolava antes, mas é uma coisa que eu acho que eu tenho proposto depois que eu entrei no grupo, né? Então, eu faço isso das palmas, eu trabalho com pulso, eu aumento o andamento, diminuo o andamento. Para mim, é importante que elas compreendam que na rua, às vezes, ainda mais agora, que a gente tá com muitas mulheres na rua, pode acontecer de acelerar, todo mundo acelerar de uma vez, né? E elas terem essa coisa do pulso firme, dá esse guia, né? Então trabalha com palmas. Por exemplo, no agogô, às vezes eu divido o naipe da gente em dois grupos, três grupos, dependendo, algum grupo fica fazendo a parte grave, outro fica fazendo a parte aguda, aí alterna, então fico sempre fazendo esse tipo de

dinâmica. Era uma coisa que, no início, não percebia, mas é uma proposta interessante e elas absorvem mais.

Morgana Morais: Quais são os ritmos trabalhados?

Rita de Cássia: Geralmente, a gente começa pelo que a gente acha mais tranquilo, né? Eu acho que, talvez, esse ano tem uma dinâmica diferente, mas a gente começa pelo caboclinho, aí vem ijexá, eu acho que eu não tô seguindo a ordem, mas a gente trabalha com caboclinho, que é o mais tranquilinho, de início, vem os maracatus, vem os axés, vem viranda, vem coco, e são tudo ritmos nordestinos, a gente vai incluir o maculelê, tem um funk também no meio disso, e o maculelê, que eu acho que é o ritmo que a gente tá incluindo agora. Repertório, essa parte de repertório, assim de música, isso aí já é para um show de palco, que já é outra coisa que as Calungas fazem, mas nas oficinas a gente trabalha só ritmo. Faz um ano que to no grupo, mais ou menos um ano e pouquinho, e esses ritmos eles já são definidos há muito tempo, todo ano sempre são os mesmos ritmos. Esse ano veio a inclusão do maculelê, né? Um novo ritmo. A gente sentou, discutiu, todo mundo fechou e decidiu vamos fazer isso, né? Mas é uma discussão, tudo é coletivo no grupo, tudo é muito coletivo.

Morgana Morais: Como é que você lida com as dificuldades das alunas?

Rita de Cássia: Assim, vou falar pela experiência que eu tive nessa última oficina, que foi a que eu entrei e caí de paraquedas, tinha muita mulher, e às vezes a gente não conseguia solucionar, porque eram muita mulheres, são muitas mulheres. Então, sempre vai ter uma ou duas que, em determinado ritmo, não vai conseguir acompanhar. Então, uma das questões principais, além da falta de instrumento, às vezes, né, que não consegue comprar a tempo e perde as primeiras oficinas, não tem instrumento em casa para estudar, são as faltas, porque, como é acumulativo, a gente não tem como retornar para o anterior e são muitas mulheres, então, aí está um ponto que a gente é uma coisa que foge do controle da gente, que a gente não consegue, porque atrapalha o andamento do coletivo inteiro, aí tem um limite de faltas, isso é o principal motivo, é uma coisa que realmente não tem como.

Morgana Morais: Quais outros meios de didáticas?

Rita de Cássia: A gente usa a caixinha de som para elas ouvirem, então, a gente repete, se for preciso, a gente não tinha caixinha, né? Cada naipe tem uma caixinha agora, a gente repete, bota elas para ouvirem o ritmo, e tem tudo gravado também no YouTube, elas têm acesso a isso. Tem um grupo de WhatsApp, e aí a gente vai mandando também por fora, além das oficinas, esse material que é um material que está disponível no YouTube, no canal das Calungas

Morgana Morais: O que você aprende dando aula para essas mulheres?

Rita de Cássia: O que eu aprendo, eu que sou formada em música, é que fazer música vai muito além de uma universidade. Tá entendendo? E que é muito rico o fazer musical de rua. É uma construção, o grupo tá aí há mais de dez anos. Já é um tempo, né? É uma construção, é uma identidade, e não deixa de ser de rua também, porque abraça todas as mulheres, todas, abraça todo tipo de mulher, não precisa saber tocar um instrumento.

Morgana Morais: As experiências que você vê observa?

Rita de Cássia: Poder feminino, empoderamento. É um bando de mulher junto, tocando, todo mundo se sentindo à vontade, independente de quem seja, é o abraço, é esse coletivo, esse apoio uma da outra, né? É isso.